

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**

**PRÓ-REITORIA ACADÊMICA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**Antonio Paulo Silva Costa**

**A COMUNICAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: TENSÕES  
E METAMORFOSES DA SUBJETIVIDADE**

**Sorocaba/SP  
2011**

**Antonio Paulo Silva Costa**

**A COMUNICAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: TENSÕES  
E METAMORFOSES DA SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva

**Sorocaba/SP  
2011**

Uni o que é completo e o que não é,  
o que concorda e o que discorda, o  
que está em harmonia e o que está  
em desacordo.

**Heráclito**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos aqueles que não mediram esforços em ajudar-me nesta travessia, sendo esse apoio indescritivelmente importante num momento tão singular da minha vida.

Um beijo no coração daqueles que da coxia sempre estiveram me dizendo uma palavra de conforto para que eu não sucumbisse nos momentos difíceis.

Destaco a participação do meu tio amigo e filósofo Rubens, que desde sempre influenciou de forma muito positiva os meus pensamentos e, nas correções pós-qualificação, teve papel fundamental na reorganização dos textos.

Sou devedor a minha esposa Giovanna por entender minhas ausências que a privou do carinho e a atenção que lhe são sempre devidos, e a maneira compreensiva e colaborativa com que suportou esta trajetória.

Sou grato ao meu pai Francisco Xavier e minha mãe Eliana Maria pela colaboração materializada em recursos instrumentais e financeiros, além, é claro do natural afeto paterno.

Agradeço ao Dr. Osvando, por ter me dado forças nos momentos mais tempestuosos dessa jornada.

A todos aqueles que cooperaram com os meios necessários - conceituais, materiais ou morais - agradeço.

Por último, ressalto a orientação incisiva e positivamente iluminadora do Dr. Paulo Celso da Silva.

Fica aqui minha gratidão e a certeza de que nunca poderei retribuir à altura.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como escopo esclarecer algumas questões relacionadas à pós-modernidade e ao pós-modernismo, num momento de grande explosão discursiva, pois muitos são os desafios do homem contemporâneo em adaptar-se a tempos tão movediços. A influência dos meios de comunicação, instrumentalizados pelo poder econômico, causa “ruídos” nos processos de subjetivação, que conseqüentemente provocam tensões e metamorfoses na subjetividade, no ato de impor, suprimir, ditar discursos em todos os níveis de representações sociais. Esta pesquisa trará a luz essa situação de pseudo sujeito e da perversa vontade de sujeição que o homem pós-moderno tem ao necessitar pertencer a um grupo social e sentindo nesse contexto paradoxal, a angústia de “equalizar” melhor suas percepções acerca daquilo que lhe é pertinente ou não, porém de forma mais autônoma. Mas como há um corrente processo de reificação da subjetividade mais assoberbado nos dias de hoje, o homem hodierno está tendo sérias dificuldades em estabelecer metas e limites. No entanto existem núcleos de micro-políticas que tentam se firmar, tirando a velocidade desse período, que aturde a todos nós. Tais políticas, talvez “desfibrilantes”, sejam no momento uma alternativa viável para que possamos sair do vórtice das imposições mercadológicas que nos prostram, sem ao menos termos forças para pensarmos de forma crítica e podermos então gozarmos, enfim, de um momentâneo alívio das tensões na busca de uma existência mais autônoma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação. Subjetividade. Pós-Modernidade.

## **ABSTRACT**

This research has the purpose to clarify some questions related to post-modernity and post-modernism in a time of great discursive explosion, as many are the challenges of contemporary man to adapt to time so shaky. The influence of the media, manipulated by economic power, cause “noise” in the processes of subjectivity, which in turn provoke tensions and transformations in subjectivity, in imposing, delete, dictating speeches at all levels of social representations. This research will elucidate this situation of this pseudo subject and this desire perverse to subject the post-modern man has the need to belong to a social group and feeling this paradoxical context, the anguish of “equalize” their best insights about what you is relevant or not, but more autonomous. But as there is a current process of reification of subjectivity more overwhelmed nowadays, today’s man is having serious difficulties in setting goals and limits, however there are clusters of micro-policies that try to establish, taking the speed of this period, which confound us all. Such policies, perhaps discouragement are a viable alternative at the moment so we can get out of the impositions of the marketing we prostrate, without even have the strength to think critically and we can then perhaps to enjoy a momentary comfort of tensions in the search a more autonomous existence.

**KEYWORDS:** Communication. Subjectivity. Post-Modernity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 CONTEXTUALIZANDO A PÓS-MODERNIDADE</b>	<b>9</b>
2.1 PÓS-MODERNIDADE E PÓS-MODERNISMO	9
2.2 TRANSIÇÃO PERMANENTE (E RECORRENTE)	12
2.3 FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PÓS-MODERNIDADE	15
2.3.1 O que é subjetividade?	15
2.3.2 Espaço-tempo e disrupção da subjetividade	17
2.3.2.1 Teoria da dobra	21
<b>3 BUSCA PELA IDENTIDADE</b>	<b>24</b>
3.1 CONSTRUÇÃO PATOLÓGICA DA IDENTIDADE: PSICASTENIA	25
3.2 SIGNOS: ALEGORIA?	29
3.3 CONSUMO COMO CRIAÇÃO DE NOVAS AMBIÊNCIAS	31
3.4 A ARTE COMO OPOSIÇÃO AO LINEAR	39
3.4.1 Paródia e pastiche	41
3.4.2 O kitsch	44
<b>4 A COMUNICAÇÃO ENTRE O PODER, A AUTONOMIA E A RESISTÊNCIA</b>	<b>47</b>
4.1 PODER: REPRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL	50
4.2 A ANOMIA NA PÓS-MODERNIDADE	54
4.3 MENTES COLONIZADAS	58
4.4 MICROPOLÍTICAS COMO POSSIBILIDADES	63
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>73</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de pesquisa que, pela natureza do tema, necessariamente levou-nos a duvidar de sua validade epistemológica e temer pelo fracasso de nossos esforços, uma vez que a crítica dos “dispositivos”, à moda de Agamben (2009), só é possível a partir de outro “dispositivo”. Labirinto de Dédalo. Trabalho de Sísifo.

Porém, a motivação de tal trabalho, complexo e autofágico, não é acadêmica. São, mesmo, como indivíduos imersos na pós-modernidade, que sofrem rupturas intermitentes de identidade - e as consequentes tensões comunicacionais – que empreendemos a busca de compreensão lógica da formação da subjetividade em geral e, especificamente, na pós-modernidade.

Antes que um pessimismo schopenhaueriano ensombreça definitivamente a visão utópica da saída do labirinto (o próprio Schopenhauer, de forma ou de outra, vislumbrou uma), é confortador acreditar que o simples caminhar e procurar significam resistir.

E resistir significa evitar que a subjetividade se dissolva numa legião de “eus” identificados e submissos a “dispositivos” que os controlam e reconstroem segundo as conveniências do poder e do mercado.

Este trabalho toma como fio condutor algumas idéias de Umberto Eco (1970, 1984), Deleuze (1976, 2005, 2009), Agamben (2009) e Althusser (1985) mesmo quando não citados, muitas vezes,

deles, desviando, discordando ou retificando. Discutiremos os paradoxos deste momento, a subjetividade e suas tensões e mutações em Contextualizando a Pós-modernidade, numa miríade de fluxos temporais, e por fim a teoria da dobra.

Em seguida, investigamos, envolta pelo universo consumista, uma das maiores angústias da contemporaneidade: a busca pela identidade e suas muitas formas de construção, avançando pelo universo caleidoscópico, multifacetado da paródia, do *pastiche* e do *kitsch*.

Finalizando, nos enveredamos pelos meandros do poder, reprodução e transformação cultural da anomia que se abateu sobre o homem hodierno e das micropolíticas insurgentes como possibilidade de resistência.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A PÓS-MODERNIDADE

### 2.1 PÓS-MODERNIDADE E PÓS-MODERNISMO

Poucos temas culturais foram tão controversos quanto o que envolveu o pós-moderno e expressões derivadas. Nos anos 1980, quando o debate alcançou o nível mais intenso, às vezes diluindo-se em conflitos sem sentido, proliferavam concepções sobre o pós-moderno e multiplicavam-se argumentos para negar sua existência. Havia, então, mais controvérsia do que esclarecimento sobre o problema.

Ocorria uma frequente confusão sobre pós-modernidade e pós-modernismo. É preciso deixar clara a diferença: pós-modernidade diz respeito ao período histórico, ao passo que pós-modernismo se refere a um campo cultural.

Se moderno e pós-moderno são termos genéricos, fica óbvio que o prefixo pós sugere algo que vem depois, uma ruptura com o moderno, definida em oposição a ele.

O termo “pós-modernismo” apóia-se mais fortemente numa negação do moderno, num abandono, rompimento ou afastamento percebido das características decisivas do moderno, com uma ênfase marcante no sentido de deslocamento relacional. Isso tornaria o pós-moderno um termo relativamente indefinido, uma vez que estamos apenas no limiar do alegado deslocamento, e não em posição de ver o pós-moderno como uma positividade plenamente desenvolvida, capaz de ser definida em toda a sua amplitude por sua própria natureza. Tendo isso em mente, podemos olhar os pares com mais profundidade. (FEATHERSTONE, 1995, p. 19)

Nem toda a cultura da modernidade pode ser chamada de modernista. Da mesma forma, pós-moderno não equivale a contemporâneo seja pós-moderno ou não. Em nossa época tudo é contemporâneo, mas nela convive o tradicional, o moderno e o pós-moderno, como, por exemplo, nas artes.

Quando se fala no mundo pós-moderno é comum pensar em metrópoles decadentes ou, ao contrário, em inebriantes shoppings centers, levando-nos a

imaginar multidões fúteis e narcisistas; pode vir à mente a ausência de preocupação social, ou seja, pessoas conduzindo-se como átomos isolados.

O consumismo desenfreado parece o sintoma mais apontado ao se falar em pós-modernidade, por mais questionável que seja essa associação mecânica, evidenciada pelo fato de que a maior parte da produção literária sobre a pós-modernidade é feita por autores com raízes marxistas. Talvez fosse possível criar uma sociologia do pós-modernismo que permitisse analisar a pós-modernidade a partir de um referencial pós-moderno.

Os novos intermediários culturais podem ser encontrados nas ocupações ligadas à cultura de consumo orientada para o mercado – mídia, publicidade, design, moda – e em ocupações subsidiadas pelo Estado e pela iniciativa privada, voltadas para o aconselhamento, educação e terapia. Assim, para compreender a receptividade aos bens e práticas pós-modernos, é preciso investigar os processos no interior da sociedade que deram maior proeminência aos especialistas na produção simbólica e, especificamente, às relações em mutação entre artistas, intelectuais, acadêmicos e intermediários culturais, bem como suas interdependências mutáveis numa configuração mais ampla, que inclui empresários, políticos e administradores. (BOURDIEU, 1984, p. 60)

Como será visto, alguns teóricos realizam de maneira direta a vinculação entre pós-modernidade e pós-modernismo, como se este fosse um efeito necessário. De qualquer maneira, no imaginário circulante proliferam imagens bem diferentes daquelas do passado. A mudança de ícones sinaliza a transformação cultural.

Essa caracterização do período histórico e da cultura pós-moderna suscitou incontáveis discursos críticos e de enaltecimento. De todos os lados surgiram os que renegavam a época e a cultura, taxando de vazias e apolíticas, inautênticas, assim como havia os que exaltavam por serem mais livres de pressões inadmissíveis em outros tempos. É possível dizer que esse debate não se extinguiu, mesmo porque retorna com frequência à mídia. A cultura e arte pós-modernas, por sua vez, ainda dão mostra de sua permanência, mesmo com a mudança de seus elementos constituintes, como o conteúdo, variação de temas e acesso. Houve uma transformação de suas

peculiaridades de 1980 para cá. No entanto, ainda vemos, mesmo que de forma rarefeita, os elementos dessa época.

Por outro lado, ainda hoje se pode ter a impressão de que não existe um único pós-modernismo, mas vários, cada qual conforme a visão de mundo que sustenta o conceito.

Considerando que a característica marcante da modernidade foi o rompimento, na pós-modernidade poderá muito bem ser coexistência.

De fato, na pós-modernidade o processo de personalização substitui quase todas as formas de exclusão e dirigismos que ainda prevaleciam. As imposições de inovação e de repúdio à tradição cedem lugar à livre escolha, à heterogeneidade, à convivência de opostos e à inclusão, mesmo que contestada, daquilo que até então fora descartado.

Muito se discute a respeito de uma transição ou ruptura. Alguns teóricos afirmam não ter havido ruptura, que a modernidade não foi explorada de forma devida, por isso hoje somos surpreendidos por suas consequências.

Apesar de existir inúmeras concepções a respeito do início da pós-modernidade, uma das mais aceitas é que ela começou após a Segunda Guerra Mundial, por fatores, entre outros, o Plano Marshall e a Internet, que trouxe na esteira o Programa Windows redimensionando o panorama do projeto expansionista da globalização.

Diante da sensação caleidoscópica da pós-modernidade, e por ser um processo em contínua metamorfose, ela parece uma sobreposição de imagens feitas por um projetor de alta velocidade, os chamados *frames*, ficando difícil pontuar, identificar e nomear. O que é? Para onde está indo? Causa mal-estar este período perceptível apenas em nível subliminar. O homem pós-moderno não possui mais controle diante da imensa proliferação de signos e da tecnologia que faz sombra a sua própria existência.

Estabelecer datas precisas para conceituar toda e qualquer periodicidade cultural, social, histórica atende a uma necessidade intrínseca do ser humano de dividir para compreender, porém, é, sem dúvida, uma atitude simplista que irá sempre aplainar a coexistência de uma variada gama de elementos que atuam paralelamente. Contudo, há que se chegar a um

consenso de que, um determinado período representa a dominância cultural, na qual diversos elementos estão subordinados, levando a crer que a história contemporânea é o resultado de uma heterogeneidade.

Da mesma forma que o movimento modernista não foi homogêneo, também não há unanimidade nas experiências culturais entendidas sob o conceito de pós-modernidade, principalmente ao que se refere ao início desse período.

Acredita haver correspondência entre pós-modernidade e o advento da era pós-industrial. Sendo assim, o pós-moderno teria nascido com a arquitetura e a computação dos anos 50. Outros entendem o conceito como uma crítica voltada contra as vanguardas que tendem para as fontes históricas e retorno ao passado, o que indica que o movimento toma corpo quando se insere no âmbito da filosofia, a partir dos anos 1960. Existe ainda outra corrente de estudiosos que defendem a permanência da modernidade afirmando que não há, até o momento, ruptura radical caracterizadora de algo realmente diferenciador.

## **2.2 TRANSIÇÕES PERMANENTES (E RECORRENTES)**

Desde sempre já se disse que o mundo está em transição permanente, restando a nós a adaptação.

Conservaram-se traços da Idade Média, não para hibernação, mas para contínua retradução e reutilização, como na pergunta arguta de Umberto Eco:

O que é necessário para se fazer uma boa Idade Média? Antes de mais nada uma grande Paz que se desfolha, um grande poder estatal internacional que unificaria o mundo como língua, costumes, ideologias, religiões, arte e tecnologia e que a certa altura, por sua própria complexidade ingovernável, se desmorona. Desmorona-se porque nas fronteiras investem os “bárbaros”. (ECO, 1984, p. 79)

Os bárbaros, os quais Eco se refere podem estar na América Latina, talvez no Oriente Médio. O grande poder estatal pode estar na América do Norte como herança romana. Trocam-se os atores, mas a peça encenada

parece ser a mesma, o espetáculo adaptado de outrora nos ajudará a entender o que acontece no mundo hodierno.

As grandes cidades romanas, protegidas por muros, eram lugares seguros. Hoje o medo instaurou-se no interior dos grandes centros urbanos. Antes cães latiam para além das tochas que iluminavam os limites, hoje câmeras de vigilância observam insones e incansáveis os bárbaros que circulam epifanizados ao redor dos muros dos condomínios, vidros blindados protegem os fidalgos da violência e do assédio dos marginais vestidos com seus parangolés<sup>1</sup>.

A nova Idade Média não sabe o que fazer com os novos miseráveis, não existem mais colônias para despejar todo esse refugio humano (BAUMAN, 2005, p. 13), aliás, existe uma forma para contê-los, mantendo-os distantes, são os países-tampão, que abrigam as multinacionais, onde se alojam como parasitas, atraídas também por incentivos fiscais de toda a espécie, impedindo que o grande exército de bárbaros avance as fronteiras.

Voltando ao cotidiano dos grandes centros urbanos, como circular por uma carnavalesca feira ou flunar nas periferias esquecidas e não se lembrar de Pier Paolo Pasolini?

Assim, assistimos a esse atemporal processo de bricolage, uma gigantesca conjunção, um coexistir em equilíbrio instável entre o passado e o presente nostálgicos, que compõe esse imenso e controverso quebra-cabeças.

Dessa nossa Nova Idade Média já se disse que será uma época de “transição permanente” na qual serão adotados novos métodos de adaptação: o problema não será tanto o de conservar cientificamente o passado quanto o de elaborar hipóteses sobre o aproveitamento da desordem, entrando na lógica da conflitualidade. Nascerá, como já está nascendo uma cultura da readaptação contínua, nutrida de utopia. (ECO, 1984, p. 99).

---

<sup>1</sup> Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas e grafismos, e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. SALOMÃO, 2004.

Como na Idade Média ou na Modernidade, a pós-modernidade sugere um retorno ao passado. Como exemplo, a Antiguidade, em que os seres humanos atribuíam aos fenômenos naturais ou qualquer acontecimento que não pudessem entender ou não conseguiam explicar, uma criatura ou um deus diferente, criando assim histórias e mais criaturas e deuses que interagem entre si, conseguindo assim o conforto de ver coerência no que antes não entendiam.

A multiplicidade de fatos, a velocidade da disseminação de informações, a rapidez das descobertas científicas, tecnológicas, sociais compõem o cenário da pós-modernidade e causa ao Homem a mesma confusão, desentendimento dos seres na Antiguidade. Isso tudo o fez procurar o conforto conseguido com a tendência ao retorno dos mitos. Pode-se citar como exemplo, o mito de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses do Olimpo e o deu à Humanidade, o que fez com que os deuses perdessem o controle sobre os mortais. O fogo tem a representação da sabedoria.

Em primeiro lugar, se a tradição prometéica pretende dominar tecnicamente a natureza, o faz visando o “bem humano”, a emancipação da espécie e, fundamentalmente, das “classes oprimidas”. Apostando no papel libertador do conhecimento científico. Esse tipo de saber almeja melhorar as condições de vida dos homens através da tecnologia graças à dominação racional da natureza. (SIBILIA, 2002, p. 44).

O objetivo do projeto tecnocientífico atual não consiste na melhoria das condições de vida dos homens: ele é perpassado por um desejo intenso de crescimento e conhecimentos das ciências tecnológicas, desconhecendo explicitamente os limites do projeto científico prometéico. Assim, o velho Prometeu abandona o palco e cede lugar ao ambicioso Fausto, médico alemão de existência talvez lendária e personagem de Goethe. Apesar das várias versões dessa história, em todas elas a tragédia se concretiza quando Fausto perde o controle das energias de sua própria mente que passam a adquirir vida própria de forma dinâmica e explosiva. Obstinado por um desejo de superar suas próprias possibilidades, Fausto, então, compactua com o Diabo assumindo o risco de desencadear com isso as forças infernais.



## 2.3 FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

### 2.3.1 O que é subjetividade?

A velocidade da disseminação e o volume de informações são as mais marcantes características da Pós-Modernidade e, como objeto das tensões do Homem, promove também o processo de formação da subjetividade do sujeito.

O termo subjetividade tem sido muito utilizado na contemporaneidade, o que demonstra sintomas de que novas formas de subjetivação são produzidas pelas constantes alterações exigidas pelo meio.

Existem conceitos que parecem ganhar vida própria, aos quais são atribuídas inúmeras definições. Com tantas possibilidades (mesmo que muito semelhantes) certamente corre-se o risco da imprecisão. O conceito, por sua vez, ganha as ruas e acaba sendo incorporado pelo senso comum e, com isso, abre novas definições com as características do conhecimento construído no cotidiano.

Foi o que ocorreu com o termo subjetividade que, entretanto, expandiu-se a partir da década de 70, talvez impulsionado por autores como Félix Guattari e Gilles Deleuze e pelo campo denominado por alguns como pós-moderno, que inclui de maneira genérica autores como Foucault, Lyotard, Baudrillard entre outros. (GONZALES REY, 2002, p, 8)

Talvez o deslocamento progressivo da ideia de subjetividade da consagrada noção de sujeito, na qual tem origem e da qual ela deriva, seja uma maneira de incluir certa dimensão de exterioridade, de pluralidade e de diferenciação que a ideia de sujeito, na sua simplicidade tautológica, interiorizada e auto centrada, sobretudo a partir de Descartes, mas talvez já

muito antes dele, dificilmente comportava. Não cabe entrar nas flutuações por que passou o termo subjetividade, mas em seu significado de interiorização da realidade.

A subjetividade é o mundo interior do sujeito que é composto por emoções, sentimentos e pensamentos, experiências, aprendizados. O resultado são marcas singulares na formação do indivíduo, na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural, que vão constituir sua experiência histórica e coletiva dentro dos grupos.

Os grupos sociais, como foram descritos no parágrafo anterior, só são possíveis a partir do pensamento coletivo comum, assim como este ambiente externo se relacionará com o sujeito modificando, acrescentando ou subtraindo suas leituras do mundo, seus desejos, seus medos e muitos outros aspectos que podem dar novos formatos a essa subjetividade.

A pós-modernidade rejeita o conceito de indivíduo, ou sujeito, que prevaleceu no pensamento ocidental nos últimos séculos, desnudando a subjetividade. Isto significa, na verdade, que o sujeito passou a existir coletivamente, na relação com o outro, e dessa forma é produzida a subjetividade. O humanismo ensinou-nos a considerar o indivíduo como sujeito, como um eu unificado, com um núcleo central de identidade único para cada indivíduo, motivado principalmente pelo poder da razão.

O indivíduo não nasce membro da sociedade, mas nasce com a predisposição para a sociabilidade e tornar-se membro dela. Por conseguinte, na vida de cada indivíduo existe uma seqüência temporal no curso da qual é induzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial deste processo é a interiorização, a saber, a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que se tornam subjetivamente significativos para o indivíduo.

O processo de internalização fabrica a diferenciação entre as vidas interior e exterior, o que nos oferece uma distinção entre o indivíduo e o social significativamente distante da hipótese de uma simples internalização das normas. Além disso, considerando-se que essas

mesmas normas não sejam internalizadas de forma mecânica ou completamente previsível. (PEIXOTO, 2008, p. 59)

Dois indivíduos podem não se compreenderem adequadamente. Podem, de fato, compreenderem-se mal. Mas a subjetividade de um é, entretanto, objetivamente acessível ao outro, o que a torna dotada de sentido, mesmo que os dois processos subjetivos não sejam comuns. A completa sincronia entre os dois significados subjetivos e o conhecimento recíproco desta sincronia pressupõe a significação.

Esta apreensão não resulta de criações autônomas de significado por indivíduos isolados, mas inicia com o fato do sujeito assumir o mundo no qual há outros sujeitos que vivem. Assim, na forma complexa da interiorização, o sujeito não só compreende os processos subjetivos momentâneos do outro, mas também o mundo em que ele vive e esse mundo torna-se o seu também.

Nesse momento torna-se parte dessa construção social, na qual os sujeitos são capazes de definir reciprocamente as situações partilhadas, estabelecendo entre eles um nexos de motivações que se estende para o futuro.

O caminho para a consistente introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade é a socialização.

O homem sempre manifestou a necessidade de viver em grupo, quer por uma questão de sobrevivência, quer porque apenas a frente de seu semelhante é que o animal racional reconhece a si mesmo enquanto criatura dotada de uma personalidade ímpar e por isso se impõe diante dos demais.

### **2.3.2 Espaço-tempo e a disrupção da subjetividade**

Segundo I. F. Askin (1969), numa breve consideração sobre o tempo - sob a ótica do filósofo alemão Emmanuel Kant, que formulou o problema do tempo no plano da questão básica da filosofia - são examinadas possíveis soluções concernentes a natureza do espaço e do tempo.

Que são o espaço e o tempo? São essências reais ou são unicamente determinações ou relações das coisas? Seriam inerentes às coisas inclusive se

essas não fossem objeto de contemplação? Ou, ao invés, são determinações e relações inerentes apenas à forma de contemplação e, conseqüentemente, à natureza subjetiva de nossa alma? Considerando o tempo e o espaço, como formas apriorísticas da percepção sensorial. À margem, e independente do homem, não existe o tempo das coisas existentes, o tempo só se manifesta na esfera fenomenal, incluindo-a na zona do subjetivo. Se tomarmos os objetos tal como podem existir por si mesmos, o tempo não é nada, observa o filósofo, este possui significado objetivo unicamente em relação aos fenômenos, pois os fenômenos são precisamente as coisas que tomamos como objetos de nossos sentidos.

O tempo é uma forma de representação interior, pode ser considerado real, porém, não como objeto, mas como modo de representar, em suma pode-se afirmar a realidade subjetiva do tempo. O que muda não é a velocidade da passagem do tempo, mas sim a percepção dele através do objeto. (ASKIN, 1969, p. 22).

O mundo experimenta uma aceleração nas condições de espaço e tempo. Por causa das ferrovias, viagens que demoravam semanas passaram a ser feitas em poucos dias, o telégrafo permitindo a comunicação instantânea por meios elétricos. Por consequência, cada vez mais se percebiam os limites de espaço e tempo sendo transpostos com incremento crescente na velocidade dos acontecimentos.

No princípio do século XX, o processo se aceleraria com o fordismo: a estruturação da economia com base na produção em série introduzida por Henry Ford na indústria automobilística. O ganho de escala proporcionado pela linha de montagem resultou uma expansão sem precedentes do capitalismo, que estendeu seu alcance pelo planeta. A alteração da base econômica teria resultado modificações nas relações políticas, na cultura e na arte.

O que já se processava em alta velocidade, ou seja, a produção de mercadorias e seu consumo, agora aconteciam de forma desmedida, até porque os países capitalistas avançados teriam deixado de produzir bens duráveis para se dedicar à produção de serviços e bens culturais, cujo ciclo de criação, implantação, consumo e obsolescência são cada vez mais curto. No

vestuário, nas comunicações e na arte, incluindo o cinema, tudo passou a ser volátil como nunca, resultando na debilitação do sentido histórico dos atores sociais.

Percepção do espaço-tempo na pós-modernidade: afinal de contas, quem sofre mais os efeitos desta corporificação temporal? Segundo o pensador alemão Hans Ulrich Gumbrecht (1998, p. 27) o tempo é corporificado, quer dizer, os acontecimentos num determinado espaço/tempo são internalizados, pois bem, as experiências humanas estão circunscritas a uma zona, um espaço, na qual o deslocamento de um lugar a outro implica em novas experiências, as quais nos dão uma nova percepção do tempo, que se choca com as anteriores.

A mobilidade está relacionada a espaços/tempos pós-modernos? De fato, aquele que foge a uma geografia circunscrita - tanto cultural quanto espacial internalizado - tem uma percepção de mobilidade. É uma qualidade relegada a alguns poucos iniciados.

O problema do momento é que os ricos têm mobilidade, enquanto os pobres têm localidade. Ou melhor: os pobres têm localidade até que os ricos metam as mãos nela. Os ricos são globais e os pobres são locais - a despeito do fato de que, assim como a pobreza é um fato global, também os ricos estão começando a apreciar os benefícios da localidade. (EAGLETON, 2003, p. 38).

Aliás, no que diz respeito aos países em desenvolvimento - e que de forma controversa alude à questão pós-moderna - é como se todos fizessem parte de um contexto ecumênico. No entanto, que é ter mobilidade nos espaços/tempos pós-modernos? Imageticamente, fantasmagoricamente ou não, todos nós temos mobilidade, enfim, todos nós somos pós-modernos?

De fato, todos têm mobilidade, porém há uma mobilidade real e outra virtual, e real e virtual ao mesmo tempo, espaços e tempos sobrepostos, isso nos faz lembrar nossa epígrafe que cita Heráclito.

Na mesma fonte donde brotam incessantemente kits de perfis-padrão, que devem ser consumidos pelas subjetividades, está a origem da globalização que dilui as identidades formadas localmente.

Estamos em meio a uma batalha: de um lado as identidades locais amarradas as suas referências comunais; de outro, identidades velozes, de existência fugaz, porém lutamos para nos juntarmos ao grupo dos velozes, ávidos por movimento, no entanto não é fácil livrar-se da velha crença da fixidez. (ROLNIK, 2006, p.20)

A despeito da crença na fixidez, vivemos num eterno desdobramento. Hoje, é claro, mais perceptível.

Sendo a subjetividade do sujeito formada, produzida e modificada por suas relações com o outro a que tem acesso, a comunicação é o único veículo para alcançá-la. Da mesma forma, não há outra forma de efetivar a comunicação sem utilizar-se da linguagem. Tal processo acontece de forma tão normal que parece ser algo simples, lógico, razoável e natural, e a maioria de nós a considera inquestionável. Raramente perguntamos como as percepções do mundo são processadas pela linguagem e como afetam o comportamento; ou os modos pelos quais a linguagem determina como ou o que pensamos pensar. Há necessidade de entender que a sociedade é regida por códigos de linguagem que limitam a subjetividade humana.

Nas sociedades dirigidas pelos meios de comunicação de massa, o sujeito é implacavelmente fustigado pela linguagem das palavras e das imagens; porém, parece ser inconsciente da intrusão da mídia em sua vida. Isto ocorre porque há um processo de naturalização dessa realidade na vida do sujeito, não que seja natural, apenas se usa de estratégias para autenticar outra cultura. Podemos utilizar o Brasil como exemplo de representação social de subjetividades mutantes, utilizando seu progresso histórico para melhor esclarecer esse processo.

A indústria de comunicação opera sobre a base do sofisma de que todas as coisas são relativas, de que as vendas e a credibilidade são os critérios de eficiência, que a verdade é uma mercadoria adaptável, maleável; a mídia é que ganha credibilidade tornando-se válida aos olhos do expectador e não mediante a uma rigorosa estrutura de fatos confirmáveis. Esta perspectiva relativista não pode, no entanto, ser percebida conscientemente pelo público. “A subjetividade é processual, e não só é passível de uma dança, mas

intrinsecamente mutante, na medida em que ela é histórica e contextual. Ela varia no tempo e no espaço, tanto físico como social.” (FURTADO; REY, 2002, p. 67).

A articulação entre comunicação e subjetividade e, mais especificamente, entre meios de comunicação e subjetividade é um tema central em nossa sociedade marcada por fortes alterações no modo como nos comunicamos e por uma aceleração geral na circulação de informação.

O crescimento intenso da atuação das novas tecnologias de comunicação na cultura mundial, especialmente da Internet, tem provocado uma série de modificações estruturais nos mais diversos campos da sociedade. De maneira veloz, a informação dissemina-se globalmente por meio da rede digital produzindo efeitos os mais variados, especialmente ligados à compressão do espaço-tempo. Porém, a velocidade da comunicação é apenas uma das várias razões para a sensação de que o tempo está mais curto, a principal seria a aceleração do processo de produção da subjetividade, diante da enxurrada de novas significações.

### **2.3.2.1 Teoria da Dobra**

Para Leibniz (2004) todo o sistema monadológico tem a concepção de mônada como núcleo central ou unidade de força e que os segredos do mundo estariam dobrados dentro dele.

As mônadas, para Leibniz, são substâncias simples (sem partes, indivisíveis), forças e não matéria; são elementos metafísicos, contém em si certa perfeição, onde a prova dessas suas características ocorre através do existir dos compostos divisíveis.

A partir da leitura de Leibniz e Gabriel de Tarde (1986), Deleuze (2005) desenvolveu a teoria da dobra, acreditando que tudo existe no mundo em dobras. Dessa forma, podemos dizer que são essas múltiplas dobraduras do fora que vão produzir diferentes modos de expressão da subjetividade.

Poderíamos dizer que a dobra é o dentro e o fora, meros espaços, separados por uma pele compacta que delinea um perfil de uma vez por todas. Percebemos, porém que eles são indissociáveis e, paradoxalmente, inconciliáveis: o dentro detém o fora e o fora desmancha o dentro. O dentro é uma desintensificação do movimento das forças do fora, cristalizadas temporariamente num determinado diagrama que ganha corpo numa figura com seu microcosmo; o fora é uma permanente agitação de forças que acaba desfazendo a dobra e seu dentro, diluindo a figura atual da subjetividade até que outra a perfila. (ROLNIK, 2006, p. 27).

A teoria deleuziana (2005) da dobra é um importante instrumento para se pensar a experiência subjetiva pós-moderna. A dobra exprime tanto o território subjetivo quanto seu processo de produção. A dobra contém assim tanto a subjetividade, enquanto campo existencial, quanto a subjetivação, compreendida aqui como o processo pelo qual se produzem determinadas representações sociais em um contexto histórico específico. A ideia de sujeito, por exemplo, enquanto território subjetivo moderno, expressa um modo de subjetivação específico, pois traduz certa captura da subjetividade dentro de um determinado sistema de códigos, no caso, o sistema de códigos próprios ao modo de produção capitalista. O modo-indivíduo do capitalismo moderno é completamente diferente da experiência subjetiva em outros períodos históricos, como a pós-modernidade, por exemplo. A subjetivação refere-se, portanto, as diferentes formas de produção da subjetividade de uma determinada formação social.

Ao nos referirmos à subjetivação estamos considerando que esta expressão constitui um modo intensivo e não um sujeito pessoal. Sendo assim, podemos dizer que um processo de subjetivação traduz um modo singular pelo qual se produz a flexão ou a curvatura de certo tipo de relação de forças. Cada formação histórica irá dobrar diferentemente o coletivo de forças que a atravessa, dando-lhe um sentido idiossincrático. Isso explica porque a própria subjetividade pode adquirir uma configuração distinta em função do modo pelo qual se produz a curvatura das forças que a compõem.



A idéia de dobra é de suma importância para sabermos o que vem a ser um processo de subjetivação. Ela torna-se um importante operador conceitual para pensar a produção ao longo da história, e diferentes modos de constituição da relação consigo e com o mundo, ou seja, dos diferentes modos de produção de subjetividade.

Quanto à idéia que o mundo encontra-se dobrado em cada alma, característica da mônada leibniziana, exprime a idéia de multiplicidade e de criação permanente que irão forjar o conceito deleuziano de dobra.

A teoria da dobra vem a corroborar também com a explicação da busca do homem contemporâneo pela identidade que nunca se fixa.

A busca pela identidade na pós-modernidade implica na formação de uma nova subjetividade, possível somente através da comunicação entre os entes formadores das representações.

### 3 A BUSCA PELA IDENTIDADE

Hoje, no contexto pós-moderno, parece existir uma necessidade de descontinuidade. Experimentamos durante uma existência várias identidades, por conta de um super povoamento de signos identitários, obrigamo-nos a fazer um trabalho de bricolage, como se fosse um parangolé.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e vagas premonições de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. (BAUMAN, 2004, p. 35).

A importância das imagens na formação da identidade se deve ao fato de vivermos num ambiente completamente imagético, sem profundidade, ou latência, algum recuo que nos leve a necessidade de construirmos um sujeito contemporâneo mais denso.

Não é pouco comum acontecerem situações que ilustram perfeitamente a ligação entre imagem e identidade: nos sites de relacionamento, os membros, quando na formação do seu perfil virtual, adicionam imagens que não correspondem com a realidade, geralmente imagens de uma bela atriz ou de um gogoboy na tentativa de criar uma identidade mais impactante. É o mito

da inclusão. A imagem é, em suma, demonstração de que realidade e imagem podem ser geradas e manipuladas. Ao olhar-se num álbum de fotografias de família, nesse túnel do tempo, o sujeito sente-se prostrado e é possível perceber uma tentativa de resgatar, talvez no passado, através daquelas imagens, algum contexto ou identidade já esvanecidos.

Aos poucos as imagens tecnológicas vêm se tornando os espelhos em que se procura uma identidade. Caracterizadas pela proliferação e pelo consumo, essas imagens ready-made, prontas para usar, são facilmente intercambiáveis. Tais como todos os bens de consumo, são identidades descartáveis. Móveis e perecíveis, seus vestígios desaparecem depois de umas poucas utilizações. (OLALQUIAGA, 1998, p. 26).

A pós-modernidade é composta por muitas dualidades, porém a mais angustiante é a necessidade de se ter uma identidade não fugidia. “As subjetividades tendem a insistir em sua figura moderna, ignorando as forças que as constituem e as desestabilizam por todos os lados.” (ROLNIK, 2006, p. 20).

Existe a necessidade de se buscar uma identidade, um refúgio.

A essa busca se pode comparar a montagem de um quebra-cabeça. Sim, é preciso compor sua identidade pessoal (ou as suas identidades pessoais) da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça incompleto, ao qual falem muitas peças. O tempo todo você acredita que, ao final, com o devido esforço, o lugar certo de cada peça e a peça certa para cada lugar serão encontrados. O ajustamento mútuo das peças e a completude do conjunto estão assegurados desde o início. No caso da identidade não funciona nem um pouco assim: o trabalho total é direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens. (BAUMAN, 2004, p.54).

### **3.1 CONSTRUÇÃO PATOLÓGICA DA IDENTIDADE: PSICASTENIA**

A psicastenia (do grego psyché, alma e asthenia, debilidade) termo cunhado pelo psicanalista Pierre Janet, contemporâneo de Durkheim, aceito por muitos como um dos pais da sociologia moderna. A psicastenia seria uma

mudança na percepção da realidade, fato que ocasiona a substituição da realidade presente por operações de derivações inferiores e desproporcionais como dúvidas, angústias e obsessões.

A importância crescente das imagens visuais na constituição de um novo espaço simulado é comparada ao fenômeno psicológico da psicastenia. Em que o ser e o meio ambiente se fundem num só. Assim também a substituição de um continuum temporal por uma repetição obsessiva, paralisante, será associada com a compulsão obsessiva considerada por muitos “a doença dos anos 80”. (OLALQUIAGA, 1998, p. 26).

Andando pela Avenida Paulista com um olhar perscrutador pode-se notar personagens que passam à impressão de que estamos assistindo a um filme hollywoodiano, no qual a locação seria Wall Street.

Percebe-se o distanciamento, a indiferença através de pequenos gestos e movimentos invisíveis aos quais todos recorrem quando, de alguma forma, são flagrados diante de desconhecidos.

As pessoas parecem estar mergulhadas em sua própria subjetividade, o que sinaliza a intenção de permanecerem isoladas, não envolvidas, permanecendo na companhia delas mesmas. O homem pós-moderno parece estar realmente desconectado, não há a percepção do outro, há uma ausência de alteridade, os acontecimentos saturaram a percepção trivializando o cotidiano.

Imaginemos um cidadão norte-americano sentado numa poltrona em sua sala de estar, assistindo a um documentário latino-americano, que diz respeito às populações das áreas metropolitanas do Brasil, neste caso, na cidade de São Paulo, em muitas situações, ele se reconhecerá entre aquelas pessoas, mas só que de forma caricata.

É possível, num desses documentários, assistir a um índio no território de sua tribo, num processo civilizatório controverso tentando adequar-se a algum perfil descartado que os incluía, usando roupas de marcas conhecidas de todos, porém pouco adequadas a sua cultura, através do forte apelo dos comerciais de televisão. Cena comum, porém, algo não se encaixa, como aquelas pessoas no centro de São Paulo que fazem o telespectador norte-

americano sentir certo estranhamento e pensar, por vezes, entre um cochilo e outro, estar assistindo a um programa local.

Inversamente, pensemos agora em um telespectador brasileiro em sua sala assistindo aos incontáveis programas relacionados à cultura norte-americana que podem ser vistos em qualquer canal de televisão, a qualquer hora do dia. Em sua subjetividade estará ele vendo a si próprio, sem nenhum mal-estar, como se estivesse em frente a um espelho.

Os shoppings, avenidas, praças, hipermercados, enfim, as áreas onde há uma grande concentração urbana estão saturadas por uma multiplicidade de imagens, fazendo com que o transeunte tenha seu juízo suspenso.

A velocidade e a quantidade na qual estas imagens se apresentam provocam certa confusão não permitindo que a imagem gestáltica se perfaça, um obstáculo para o processo de subjetivação. Falando-se em obstáculos dos processos subjetivos, os telejornais são um pequeno exemplo de como se faz para que o indivíduo não pense. Pode-se conceber a idéia de um cidadão atomizado até o seu próximo contracheque no fim do mês. Extenuado por mais uma jornada de trabalho senta-se em seu sofá como se fosse um nababo<sup>2</sup> a espera do jantar, liga a televisão de onde surge a imagem do apresentador do telejornal com a cerimônia de quem vai fazer um grande pronunciamento. Então, ouvem-se expressões sensacionalistas como: agora!, depois!, mas antes..., em instantes..., ainda hoje!; é a anestesia, o indivíduo que vai sendo enredado, suspenso pelo jogo subliminar, só vai relaxar quando, no último bloco, são anunciados os gols da rodada que, na verdade, fazem parte dessa cilada da agenda setting, na detenção do telespectador.

Num universo de referências instáveis, como no exemplo anterior com a vicariedade como apoio referencial, faz com que as pessoas fiquem obsessivas na busca de uma imobilidade que lhes dê uma sensação de alívio, porém isso só aumenta o mal-estar, pois muitos são os signos concorrentes. Em meio a esta mixórdia, muitas pessoas não sabem mais aperfeiçoar seu tempo, têm dificuldades em estabelecer prioridades.

---

<sup>2</sup> O europeu que ocupava alto posto nas Índias, ou que lá enriquecia.

As pessoas, como se não bastasse, divertem-se todas nos mesmos locais, não há o mínimo de escolha, pois os pretensos locais de busca de alívio do cáustico dia a dia, são determinados pela agenda global. Lá, os pais digladiam-se com suas senhas nas filas de espera das grandes lanchonetes pela conquista de um melhor “território” para as suas famílias, o que era para ser um descanso, uma fuga para os problemas, transforma-se num dia como outro qualquer. Parece estarmos vivendo uma nova Idade Média. (ECO, 1984, p. 77).

Seguindo a influência da agenda global, como se estivesse indo a um encontro, o homem pós-moderno senta-se em frente ao desk ou laptop para a manutenção do seu self virtual programado, criando uma extensão viável do eu dentro das redes, tornando-se assim um ciclo sem fim, pois nunca estará satisfeito.

Como se já não bastassem as próprias construções subjetivas, essas extensões que, na verdade, deveriam ter a função de neuromoduladores, acabaram, em muitos casos, por ampliar as tensões que desde a antiguidade os grandes filósofos, psicanalistas modernos e pós-modernos vêm tentando entender, na diluição do insolúvel peso existencial. Isso leva a pensar que os paradoxos do mundo contemporâneo têm uma assombrosa beleza.

O pós-moderno é considerado por Fredric Jameson (2006, p. 135) como “avatar da visualidade, hoje a imagem passou a ter status de realidade, o discurso e o conteúdo estão diluídos, se toda realidade tornou-se profundamente visual e tende para a imagem”. Diante disso, teremos que reconfigurar ou resgatar o real? .

### 3.2 SIGNOS: ALEGORIA?

A alegoria é a metáfora da realidade tornando-se o símbolo perfeito de uma pseudopercepção, pois está sempre a um passo de distância de sua fonte. É na relação distinta que tem o símbolo e a alegoria com uma fonte que representa uma origem ou verdade que suas respectivas qualidades são elucidadas. Assim, enquanto o símbolo representa uma fusão entre significante e significado (e entre o referente e a representação), a alegoria atua de maneira oposta, mostrando a impossibilidade para que essa fusão ocorra.

A fusão simbólica desloca a distância significativa (diferença) no posicionamento hierárquico: o símbolo e aquilo que ele representa são interpretados como um só, ou seja, a mesma coisa, porém o significado é mais importante que a representação. A alegoria, por outro lado não estabelece essa equivalência ambígua, principalmente porque ela é definida pelo desejo e pela falta: a alegoria procura voltar àquela verdade original, porém não consegue. Assim, a alegoria se torna o vestígio de uma tentativa fracassada, um movimento incompleto que só pode reproduzir-se a cada vez que tenta superar este vácuo de significado. A incapacidade de aceitar essa limitação determina o caráter melancólico da alegoria e suas tentativas obsessivas tornam a produção alegórica extravagante e saturada. Contudo, é precisamente nesse fracasso em alcançar a fusão que se expõe o caráter arbitrário do gesto simbólico.

A distância alegórica realça a diferença constitutiva entre o referente e a representação. Assim, enquanto a alegoria não consegue estabelecer uma origem e sua conseqüente verdade, ela consegue apontar a qualidade obviamente construída da verdade simbólica. (OLALQUIAGA, 1998, p. 48).

A alegoria constrói seu significado horizontalmente, (superficial) privilegiando a continuidade (ou a falta desta), desprezando a seleção vertical.

É essa extensão sintagmática<sup>3</sup> que determina a relação paradoxal da alegoria com o tempo. Pois, enquanto a alegoria determina o significado reiterando-o incessantemente em diferentes registros, essa repetição, tal como uma doença compulsivo-obsessiva, cancela a progressão do tempo substituindo o significado histórico pela reprodução cenográfica. Essa transferência de tempo para espaço é resultado da exaustão dos determinismos culturais que ofereciam uma visão coerente, abrangente do mundo, tal como representado basicamente na unidade simbólica entre matéria e espírito. A ruptura da unidade simbólica transforma radicalmente a experiência, uma vez que esta não mais se integra a um significado abstrato. Em vez disso a experiência torna-se material, buscando afirmar-se no presente e no concreto. Apenas as manifestações mais explícitas satisfazem esse desejo, dando início a uma figuração que encontra na alegoria sua perfeita expressão. Após deixar pra trás a noção de totalidade, a alegoria preenche o vácuo subsequente com a multiplicação de significantes.

Assim também, a redescoberta da materialidade e da visualidade dos signos possibilitou à alegoria uma experiência de sentidos muito relevante e gratificante num momento em que a percepção é mediada pela mesma tecnologia que mudou o significado transcendental. Nesse sentido, o vazio referencial muitas vezes atribuído a cultura pós-moderna pode ser explicado por um fenômeno cuja complexidade supera uma neutralização redutora dos signos. Pode-se descrever esse fenômeno como a abertura de uma brecha da percepção que produz um alto grau de ansiedade cultural e que resulta da incapacidade cultural de aceitar plenamente o mundo dos simulacros. A consequência dessa mudança de constituição de marcações para outra, intertextual, foi um abismo perceptual representando uma resistência instintiva, a fluidez avassaladora de um mundo, onde os signos não são vinculados a nenhum discurso único, nem subdivididos em categorias e hierarquias.

Veremos que na sociedade de consumo, onde as mercadorias possuem várias representações, compondo diversas ambiências dentro das estruturas sociais, propiciam uma maior fluidez dos signos.

---

<sup>3</sup> Sintagmática: resultado da combinação de um determinante e de um determinado em uma unidade.



### 3.3 O CONSUMO COMO CRIAÇÃO DE NOVAS AMBIÊNCIAS

Um dos primeiros usos do termo consumir significava destruir, gastar, desperdiçar, esgotar. Dessa forma, o consumo como desperdício, representa um paradoxo da ênfase produtivista das sociedades capitalistas e socialistas estatais, a qual necessitava ser controlada e canalizada de alguma maneira. À noção de valor econômico, associada à escassez, foi aliada a promessa de que a disciplina e o sacrifício, necessários à acumulação dentro do processo de produção, resultariam em superação; o que proporcionaria que fossem atendidas as necessidades e prazeres do consumo. Este determinismo tem constituído uma forte imagem cultural e uma forma de motivação importante nas sociedades capitalistas e socialistas.

Ao mesmo tempo, nas classes médias, principalmente entre os especialistas econômicos tradicionais, percebe-se a persistência da noção de trabalho disciplinado, a conduta voltada para o mundo interior, celebrada pelo individualismo. Dessa forma, o consumo passa a ser um auxiliar do trabalho, e também ordeiro respeitável e conservador. Valores estes pequeno-burgueses antigos ou tradicionais, que se contrapõem com as novas noções pequeno-burguesas de lazer como um jogo criativo, da exploração emocional “narcísica” e da construção de relacionamentos, criando assim um paradoxo das modernas sociedades de consumo: ser um puritano de dia e um *playboy* de noite.

Essa fração da nova classe média constitui um grupo perturbador em relação às antigas virtudes pequeno-burguesas. Isso se deve ao seu questionamento às noções vigentes de consumo, pondo em evidência imagens do consumo sugerindo prazeres de desejos alternativos, do consumo excessivo. Isso ocorre numa sociedade na qual grande parte da produção é voltada para o consumo, lazer e serviços e na qual se verifica uma relevância crescente da produção de bens simbólicos, imagens e informação.

Assim, os esforços criativos desse grupo de especialistas e intermediários culturais são supervalorizados, pois proporcionam a expansão da produção de uma mensagem em favor da ordem cultural e das virtudes pequeno-burguesas tradicionais.

Talvez devêssemos ficar atentos à persistência, aos deslocamentos e à transformação da noção de cultura como desperdício, esbanjamento e excesso, pois a produção econômica não deveria ser associada à escassez, mas ao excesso.

O capitalismo também produz (somos tentados a seguir a retórica pós-modernista e dizer “superproduz”) imagens e locais de consumo que endossam os prazeres do excesso. Essas imagens e locais promovem ainda um embaçamento da fronteira entre a arte e vida cotidiana. Assim, é preciso investigar a persistência na cultura de consumo. (FEATHERSTONE, 1995, p. 42).

Percebe-se nos sujeitos descentrados uma ênfase sensorial, uma imersão estética por meio das quais as pessoas obtêm acesso a uma miríade de sensações emocionais, porém isso não significa o final do próprio controle. É preciso disciplina e controle para passear através dos objetos de desejo expostos, ver e não agarrar, passear ao acaso sem interromper o fluxo, contemplar representando um desinteresse, um ar *blasé*, observar os outros sem ser visto, tolerar a proximidade dos corpos.

Também se faz necessária a capacidade de administrar o envolvimento intenso para não comprometer a ambiência estética criada. Enfim, para freqüentar espaços urbanos, assistir a espetáculos ou passear por parques e cinemas, é preciso um descontrole controlado das emoções não render-se às tentações. As imagens podem evocar prazeres, perturbações, euforia e desordem, mas é preciso ter autocontrole para estar lá; os olhares furtivos das câmeras e dos guardas de segurança estão à espreita dos que são incapazes de se controlar.

As fronteiras entre arte e vida cotidiana podem se deteriorar com um comportamento duplo, bem como a condição especial da arte como um bem protegido fica ameaçada. É perceptível a migração da arte para o *design*

industrial, à publicidade e às indústrias, todas associadas à produção de símbolos e imagens que também representam ameaça ao status da arte.

Se a produção faz funcionar uma lógica do capital, talvez se possa dizer que uma lógica do consumo também exista. Essa lógica seria baseada na forma de uso de bens pelas estruturas sociais evidenciando as representações em que se vive. O consumo de bens é dividido entre aquisição entre bens duráveis (que usamos para subsistência e lazer, como refrigeradores, automóveis, aparelhos de som, câmeras) e não-duráveis (comida, bebida, roupas, produtos de higiene) e as alterações na proporção de renda despendida em cada setor ao longo do tempo.

Faz-se necessária maior atenção ainda no modo como alguns bens podem classificar-se ou não na condição de mercadorias e nos diferentes prazos de validade que cabem às mercadorias quando se deslocam da produção para o consumo. Comida e bebida, em geral, são mercadorias de consumo rápido, mas nem sempre: uma garrafa de vinho do Porto, por exemplo, pode transformar-se em símbolo de prestígio e exclusividade; o que significa que ela nunca será aberta e bebida, mas pode ser consumida simbolicamente de muitas formas: contemplada, desejada, comentada, fotografada, mostrada. Todas essas formas propiciam uma grande dose de satisfação. Nas sociedades ocidentais contemporâneas pode-se atribuir valores duplamente simbólicos às mercadorias.

O simbolismo não se evidencia apenas no design e no imaginário embutido nos processos de produção e marketing; as associações simbólicas das mercadorias podem ser utilizadas e renegociadas para enfatizar diferenças de estilo de vida, demarcando as relações sociais. (FEATHERSTONE, 1995, p. 35).

É comum a inversão de valores ocorrida quando o objetivo de compra pode ganhar prestígio por meio do valor de troca elevado. Hoje se compra objetos baseando-se no maior preço e não na utilidade que ele possa proporcionar, (menciona-se constantemente o preço de um carro de luxo ao invés de suas qualidades técnicas). Também existe a situação oposta, quando

a condição de mercadoria de um produto se perde. Como por exemplo, presentes ou heranças. Ao recebê-los tornam-se coisas sem preço, pois simbolizam relações pessoais intensas e evocam a memória dos entes queridos. Objetos dotados de uma simbologia específica como os produzidos para rituais, por exemplo, também tendem a ser excluídos da condição de mercadorias. Porém, o *status* sagrado e a negação da troca incitam o mercado profano, podendo aumentar o valor desses objetos. Um objeto que não está disponível e “não tem preço” torna-o mais caro e mais almejado.

Dessa forma, as mercadorias podem derrubar as barreiras sociais, dissolvendo os antigos laços estabelecidos entre as pessoas e as coisas, porém há também a tendência no sentido contrário – a descaracterização de mercado, que restringe, controla e canaliza a troca. Existem sociedades em que há uma oferta de mercadorias em constante renovação, o que lhes dá a ilusão da completa trocabilidade dos bens e do acesso restrito a eles; porém, o conhecimento dos princípios de classificação, hierarquia e adequação é restrito, como acontece nos sistemas da moda.

Alguns mecanismos de consumo funcionam como reguladores, indicando quais consumidores podem consumir e o que consumir. Levando em conta que o sistema estável de status fica ameaçado por um grande aumento na quantidade e disponibilidade das mercadorias.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas um fluxo renovado constantemente de mercadorias torna mais complexa a leitura do *status* ou da posição hierárquica do portador delas. Nesse contexto, o gosto, o julgamento discriminador e o capital cultural tornam-se importantes, pois possibilitam aos grupos ou categorias específicas a compreensão e classificação adequada das mercadorias novas e também a forma de usá-las. Assim, pode-se pensar se a forma de uso dos bens pode marcar diferenças sociais ou transmitir mensagens.

A ênfase no modo como se usam as mercadorias pode demarcar as fronteiras nas relações sociais. Tal afirmação se baseia no argumento que nossa fruição dos bens está relacionada parcialmente com o seu consumo físico, associando-se ainda muito fortemente ao seu uso como marcadores,

apreciam-se, por exemplo, compartilhar os nomes dos bens com os outros (o fã de esportes ou o conhecedor de vinhos). Ainda, a perícia da pessoa culta sugere uma habilidade natural não apenas de reter informações, mas também de usar e consumir adequadamente com desembaraço em qualquer situação. Pensando assim, o consumo de bens de cultura: arte, romances, ópera, filosofia, deve estar associado aos modos de consumo de outros bens culturais mais elementares como roupas, comida, bebida, atividades de lazer e a cultura precisa estar inserida no mesmo espaço social do consumo cultural cotidiano.

O estilo de vida do sujeito, suas preferências, suas escolhas são indicadores de suas próprias características, tornando possível sua classificação pelo outro. Acredita-se que essa classificação sugere linhas tênues entre classes sociais em uma sociedade e seu período da história específico. Um fator importante, que influencia o uso de bens marcadores nas sociedades capitalistas, é que a taxa de produção de novos bens significa que a disputa para obter bens que indicam posição, ou seja, bens que definem o *status* social nos níveis mais altos da sociedade, é relativa. O aparecimento constante de novas mercadorias, sonhos de consumo e da moda, passam a ser acessíveis às classes mais baixas, deixando de ser símbolo de status para as classes altas.

Dessa forma, torna-se muito importante conhecer os novos bens, seu valor social e cultural, e a forma adequada de usá-los. Essa é uma nova característica do consumo que gera grupos de aprendizes procurando estabelecer seu próprio estilo de vida. Esses grupos dão formato às novas classes médias, à nova classe trabalhadora e à nova classe alta, aos quais é de suma importância transmitir sinais adequados e legítimos de seu status através de seu comportamento na prática do consumo. Alguns mecanismos de consumo funcionam como reguladores, indicando quais consumidores podem consumir e o que consumir. Esses grupos de aprendizes deram origem aos novos intermediários culturais (BOURDIEU, 1984) que são profissionais da mídia, *design*, moda, publicidade, entre outras, que se ocupam de buscar e fornecer conhecimentos para intelectuais de informação, cujas atividades envolvem a prestação de serviços e a produção, comercialização e divulgação

de bens simbólicos. Porém, além da produção dos novos bens, deverão ser capazes de informar sobre seu uso adequado. O estilo de vida, os hábitos e escolhas dos intermediários culturais acabam por fazê-los identificarem-se por artistas e intelectuais, mas há também interesses opostos por parte deles. Se por um lado querem que mercadorias artísticas e intelectuais sejam monopolizadas em refúgios particulares com o fim de manter o status e o capital cultural delas, por outro se torná-las populares e economicamente acessíveis, atingirão um público maior.

Um dilema: de um lado a necessidade de preservar, na mercadoria, seu valor simbólico, que situa o consumidor na pirâmide social; por outro, a lógica de mercado, do lucro, que obriga o produtor a expandir o consumo para as classes populares, subtraindo da mercadoria o valor que pretendia preservar. O impasse é resolvido pelo investimento do valor perdido em produtos permanentemente renovados. Eis o fenômeno da moda

Para que um bem de consumo seja símbolo de status social, é necessário que ele seja reconhecido, o que o excesso de oferta e a velocidade da circulação ameaçam impedir, tornando tais bens ilegíveis.

Há hoje uma tendência de extinção das fronteiras da sociedade-Estado. Com o processo da globalização dos mercados e da cultura, torna-se difícil que os bens marcadores de status social estejam estáveis. Sendo assim, se anularia a ideia da diferença segundo a lógica cultural, onde o gosto por bens culturais e de consumo e as atividades associadas a estilos de vida são mensurados por oposições. Assim, a teoria de classificar os grupos segundo a oposição no uso de bens simbólicos para estabelecer diferenças, só seria possível nas sociedades estáveis. Para haver essa estabilidade, elas deverão ser fechadas e integradas, onde a leitura dos bens marcadores através de códigos inadequados seja reduzida a um mínimo. Há ainda outros grupos que podem ser considerados estáveis, também se utilizam de princípios classificatórios, identificáveis socialmente e que se contrapõe aos valores mencionados anteriormente. São grupos cujos bens marcadores foram avassaladores de signos chamados de “desordem cultural (BAUDRILLARD, 1991), uma enxurrada de imagens argumentando estarem nos empurrando

para além do social”, Estes são geralmente retirados da mídia, sendo a televisão, os vídeos de rock e a MTV citados como exemplos de pastiche, mistura eclética de códigos, justaposições bizarras e significantes desconexos, ilegíveis e sem sentido.

Por outro lado, se nos detivermos nas práticas do dia a dia das pessoas reais, envolvidas em relações de interdependências e batalhas de poder com outras pessoas, é plausível argumentar que o sujeito ainda sente a necessidade de mensurar o poder potencial, *status* e prestígio social do outro, segundo a leitura do comportamento de outra pessoa. Tais medidas são baseadas nos estilos e marcas diferentes de roupas e produtos da moda, mesmo que estejam sujeitos a mudança, imitação e cópia, constituem a melhor forma de classificar os outros.

Assim, a cultura é materializada, e isso não diz respeito apenas a quais roupas são usadas, mas também como usá-las. Manuais de boas maneiras são produzidos para que as disposições e maneiras se tornem naturais, é necessário parecer estar completamente à vontade com elas, como se fossem uma segunda natureza, pois essa naturalidade ou a falta dela permite identificar os impostores. Dessa forma, o principiante, o autodidata, inevitavelmente será desmascarado, desnudando sua competência cultural incompleta e adquirida com esforço. Assim, os novos-ricos, adotando estratégias de consumo notável, são identificados, assumindo seu lugar no espaço social. Mesmo assim, suas práticas culturais são passíveis de serem depreciadas, taxadas como vulgares e de mau gosto pela classe alta dominante, a aristocracia e os ricos em capital cultural (BOURDIEU, 1984).

É necessário admitir a possibilidade de haver pressões que ameçam produzir uma oferta excessiva de bens culturais e de consumo gerando assim um processo de desclassificação cultural. Outras pressões passíveis de contribuir para a deformação do critério classificatório através da importância do gosto e da escolha de estilos de vida – se não por toda uma sociedade, ao menos em alguns setores, como a postura e comportamento dos jovens ou algumas fatias da classe média.

Temos de considerar ainda que a fermentação e a desordem culturais, tão decantadas e muitas vezes rotuladas de pós-modernismo, talvez não constituam uma desordem genuína, decorrente de uma total ausência de controles, mas simplesmente assinalem um princípio integrador embutido mais profundamente. (FEATHERSTONE, 1995, p. 40).

Podemos pensar em regras de desordem? Talvez essas regras permitam o controle das oscilações entre a ordem e a desordem, a consciência de *status* e a ilusão da fantasia e do desejo, o controle e o descontrole emocionais, o cálculo instrumental e o hedonismo – que antes representavam uma ameaça à necessidade absoluta de manter uma identidade consistente e de ter uma postura de repulsa às transgressões.

Diante das angústias do sujeito com as peculiaridades da pós-modernidade, ele sente instintivamente a necessidade de procurar alívio, tirar o peso da existência, possibilitando a criação de uma nova e lucrativa indústria: os neuromoduladores.

Um novo mercado é criado para suprir mais uma necessidade do consumo: são drogas que sustentam e produzem esta demanda de ilusão, promovendo uma espécie de toxicomania generalizada. (ROLNIK, 2006, p. 21).

É um mercado, amplo, variado e em absoluto crescimento. As opções são muitas e todas elas pretendem sustentar a ilusão de identidade. Há as drogas propriamente ditas, fabricadas pela indústria farmacológica; produtos do narcotráfico, que proporcionam miragens de onipotência ou de uma velocidade compatível com as exigências do mercado; fórmulas da psiquiatria biológica com resultados ultra-rápidos, nos fazendo crer que essa turbulência não passa de uma disfunção hormonal ou neurológica; há a psicanálise tradicional, ligada ao paradigma da interioridade, cuja proposta consistia em mergulhar nas entranhas da alma à procura das causas dos sofrimentos<sup>4</sup> e, para incrementar o coquetel, miraculosas vitaminas prometendo uma saúde ilimitada, vacinada contra o stress e a finitude. O mercado mundial de suplementos vitamínicos movimentava bilhões de dólares a cada ano.

---

<sup>4</sup> Descrição de Robert Castel, especialista francês em história da psiquiatria.



Existem alternativas espontâneas como a arte, através do pastiche, da paródia ou o kitsch etc. que criam possibilidades de novas ambiências e também funcionam como amortecedores da existência.

### **3.4 A ARTE COMO OPOSIÇÃO AO LINEAR**

A arte contemporânea consegue refletir a condição pós-moderna de uma forma extremamente clara, passa a ocupar um lugar de reflexão, não para um público restrito de iniciados e sim para qualquer público, embora pareça haver sim um mal-estar dos primeiros que insistem na manutenção da restrição dos códigos.

Em primeiro lugar, há o desafio direto contra a obra de arte, o desejo de eliminar sua aura, dissimular seu halo sagrado e questionar sua posição de respeitabilidade no museu e na academia. Em segundo lugar há ainda a suposição de que a arte pode estar em qualquer lugar ou em qualquer coisa. (FEATHERSTONE, 1995, p. 99)

Talvez pelo fato de a condição pós-moderna ter sido percebida no campo artístico, é ali que podemos encontrar uma prática absolutamente afinada com as questões com as quais se propõe trabalhar. Hoje, já percebida em diversas outras áreas, tais como a comunicação, a religião, o lazer etc.

O fazer artístico encampou de modo absoluto a noção de que uma teoria ou uma visão de mundo não supera outras. Ou, melhor dizendo, adotou de modo radical a premissa de não ter premissas (MAGALHÃES, 1988, p. 49).

Vemos isso em muitos exemplos: no cinema pós-moderno, no qual sequências lineares são substituídas por justaposição de imagens aparentemente dissociadas; e na literatura que, abdicando das narrativas

lineares para expor uma construção descontinuada do pensamento, convidam à participação, à decifração de enigmas, à convivência com o ambíguo. Em todos eles, a raiz é uma só: a arte deixou de ser um objeto pronto, concluído em si mesmo; previamente explicado.

Ou ainda, a linguagem que passa por todas as expressões artísticas e que antes expunha o seu significado por combinação, agora o fará através de metáforas, ou seja, seu significado será dado por substituições, obrigando o leitor ou o ouvinte a interpretar de acordo com as próprias referências.

O segundo instrumento do qual se apossou é o uso de uma prática conhecida como a parataxe, que, nada mais é que dispor, lado a lado blocos de significação, sem que fique explícita a ligação que os une. “Existe apenas a intuição de que certo bloco é compatível com o outro e basta essa sensação para que o processo de justaposição seja acionado” (MAGALHÃES, 1988, p. 51). Isso obriga a um exercício de associação de idéias, imagens ou referências, caso contrário, aquilo nada significará para o expectador. - não só na obra de arte, mas também no cinema, na literatura etc., quando o artista se utiliza de imagens e técnicas diversas e as agrupa numa mesma obra, cujo significado será a justaposição conceitual de todas elas.

O uso da parataxe sugere questões atuais de mobilidade incessante, e nos conduz a uma forma de cultura que seja polirrelacional.

Uma vez que a arte é, como sempre foi em sua história, o norte da época em que se vive, podemos hoje, sem dúvida, buscar nela a compreensão de muitos dos mecanismos que movem toda a coletividade.

Talvez o mais instigante deles seja justamente essa ponte que ela constrói entre criador e expectador e, de outro lado, entre ela e a própria vida.

A arte, muitas vezes, ganha rótulos que acabam por impedir que outras formas dela sejam conhecidas ou reconhecidas, tais rótulos remontam ao período renascentista e até hoje, tenta-se resgatar tal tradição – válido, porém, existem outras formas de apreensão que reclamam a sua validade, busca-se dela o lado oculto, para ser considerada como obra de arte. O crítico, numa atitude, dependendo do ângulo que se vê reducionista, teria de detectar

sempre algo de profundo intangível ao olhar comum, negando ou não tendo olhos para o aparente.

A situação do crítico se torna difícil no momento em que ele exige validade normativa para sua estrutura de apreensão. Nesse caso, as interpretações do crítico se confrontam com as objeções do público, pois o processo idêntico de estabelecimento de consistência pode ser atualizado sempre de diversos modos e, em face das orientações habituais, por conteúdos diferentes uma indignação com as restrições mostra que o crítico não reflete as orientações habituais que o dirigem, como o leitor em princípio se omite da reflexão, o crítico deveria fundamentar por que a consistência que ele estabelece seria a forma mais apropriada de avaliação. Se ele se refere as normas clássicas de interpretação, pode-se suspeitar de que as normas estéticas servem neste caso para justificar os atos subjetivos de apreensão. (WOLFGANG, 1996, p. 46)

O discurso ou uma leitura de estrutura equacionada, acaba por restringir outras formas de leitura, obscurecendo a qualidade polissêmica da arte e do texto mundo. Hoje, na pós-modernidade, o profundo parece ter emergido à superfície.

### **3.4.1 Paródia e pastiche**

Mencionando a paródia e o pastiche como uma forma de arte podemos dizer que houve uma grande fragmentação e privatização da literatura moderna, sua explosão numa multiplicidade de estilos e maneirismos particulares distintos anunciando tendências mais gerais da vida social como um todo. Assistimos, nas décadas decorridas desde a emergência dos grandes estilos modernos, que a própria sociedade começou a fragmentar-se. Cada grupo passando a falar uma curiosa língua particular própria, cada profissão desenvolvendo seu código ou idioleto particular e, finalmente, cada indivíduo passando a ser uma ilha lingüística, separado de todos os demais. Nesse caso, porém, a própria possibilidade de ridicularizar as línguas particulares e os estilos idiossincráticos iria desaparecer, e não teríamos nada além da diversidade e da heterogeneidade estilísticas. Neste momento, o surgimento do

pastiche e da paródia torna-se impossível. Tanto o pastiche como a paródia são imitações de um estilo peculiar e único, o uso de uma máscara estilística.

A paródia, nos dias de hoje, não é mais aquela descrita por Bakhtin (2008), em que ele analisava os ritos, espetáculos, festas, obras cômicas orais ou escritas e outras manifestações da cultura popular. Bakhtin elaborou uma visão de mundo marcada pelo riso e subversão dos valores oficiais, dando um caráter inovador e contestador da ordem vigente.

Em *'Uma Teoria da Paródia'*, Linda Hutcheon (1989, p. 54) soma elementos diferentes à visão tradicional da paródia, concebendo-a não mais como um recurso estilístico que deforma o discurso, Hutcheon sugere que o homem ocidental contemporâneo tem a necessidade de afirmar o seu lugar dentro de uma tradição cultural confusa e muitas vezes conflituosa em que vive, levando-o a buscar propositalmente a integração do velho com o novo em um processo de desconstrução e reconstrução, alcançado através de recursos estilísticos encontrados na ironia e na inversão:

A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de "transcontextualização" e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de ethos pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial (HUTCHEON, 1989, p. 54).

Durante a Renascença, devido à crescente procura de obras de arte em Florença e Roma, muitos pintores medíocres foram levados a imitar quadros de grandes mestres italianos, com intenções fraudulentas. Os quadros eram forjados com tal perícia imitativa que procuravam ser confundidos com os originais, a técnica era aplicada pejorativamente, nascia aí o pastiche.

O modernismo trouxe um pastiche que implica a imitação de outros estilos, tendo na literatura moderna um campo muito rico, já que todos os grandes escritores modernos definiram-se pela invenção ou produção de estilos bastante singulares.

O pastiche literário refere-se a obras artísticas criadas pela reunião e colagem de trabalhos já existentes. Podemos dizer que é uma imitação

modificada do estilo de um ou mais autores. O pastiche, sem dúvida derivado de outras obras, consiste na manipulação de linguagens, utilizando-se de diversos níveis da língua para criar um tom humorístico ou paródico ou se utiliza da transformação linguística por motivos estéticos e lúdicos. Deliberadamente cultivado por inúmeros autores, o pastiche literário aspira ser considerado como a escrita à maneira de. Faz uso de processos e técnicas como a adaptação de material artístico de uma forma para outra diferente, a apropriação que é o empréstimo deliberado de uma obra já escrita, o bricolage que constitui uma montagem, a criação a partir de várias fontes e modelos diferentes.

O pastiche incorpora assim o âmago pós-modernista da colagem, reciclando moldes e estilos, se reabilitando e ficando liberto do estigma de um processo menorizado. A volta do *pastiche*, nesse momento pós-moderno, se prende com a literatura exaustiva e o fim da originalidade e do estilo autoral. Escritores contemporâneos renunciaram a condição de legisladores da literatura, do ponto de vista da produção literária, para serem simples intérpretes de antigas obras. Uma indústria da releitura. Formas distintas de dizer o mesmo, parece a procura de significado e identidade pela apropriação intencional, com a percepção do mundo e da cultura como um manancial de informação permanentemente reutilizáveis.

Atualmente, porém, temos que levar em conta que depois de setenta ou oitenta anos do próprio modernismo clássico, os escritores e artistas já não podem inventar novos estilos e mundos, pois eles já foram inventados.

Assim,

O pastiche: num mundo em que a inovação estilística já não é possível, só resta imitar estilos mortos, falar através das máscaras e com as vozes dos estilos do museu imaginário. Mas isso significa que a arte contemporânea ou pós-modernista deverá dizer respeito à própria arte de uma nova maneira; mais ainda, significa que uma de suas mensagens essenciais há de implicar o fracasso necessário da arte e do estético, o fracasso do novo, o aprisionamento no passado. (JAMESON, 1995, p. 31)

A imitação do que já existe, por um motivo ou por outro, parece ser uma estratégia do sujeito pós-moderno para atenuar o peso da própria existência.

Aparecendo nessa estratégia outras formas de reprodução ou imitação, como o *kitsch*, por exemplo.

### **3.4.2 O *kitsch***

O mundo caracteriza-se pela interação homem/ambiente. As relações do indivíduo com o meio social passam fundamentalmente pelos objetos e produtos transformados em garantia de presença nas sociedades. Esse fenômeno se baseia na apropriação de elementos que não são comuns à cultura do sujeito, que os absorve de forma sensorial, apoiando-se numa experiência vicária atraído principalmente pela intensidade de sentimentos oferecida por ícones de universos culturais distintos.

A nova concepção de tempo e espaço gerada pelas telecomunicações, que substituiu a continuidade e a distância pela instantaneidade e a onipresença, transformou a percepção das coisas de modo que elas não são mais vividas diretamente e sim por um intermediário, no consumo de imagens e objetos que substituem aquilo que representam. Essa falta de raízes responde pela volatilidade e pela facilidade de transferência da cultura nos tempos pós-modernos.

O mundo dos valores estéticos não se divide mais entre o Belo e o Feio. Instala-se no imenso universo *kitsch*, contexto que se embrionou com a ascensão da cultura burguesa. A palavra *kitsch*, no sentido moderno, aparece em Munique, por volta de 1960, palavra bem conhecida no sul da Alemanha: *kitschen*, quer dizer atravancar e, em particular, fazer móveis novos com velhos, é uma expressão bem conhecida; *verkitschen*, quer dizer trapacear, receptor, vender alguma coisa em lugar do que havia sido combinado. Neste sentido, existe um pensamento ético pejorativo, uma negação do autêntico.

O *kitsch* é, portanto, um fenômeno social, universal e permanente e está ligado diretamente às modificações no modelo econômico de nossa vida cotidiana, é a mercadoria ordinária, um arremedo do artístico, está ligado à arte de maneira indissolúvel assim como o falso liga-se ao autêntico. “Há uma gota de *kitsch* em toda arte” (MOLES, 1972, p. 10).

Conhecido como o reino do mau gosto, o *kitsch* representa um empreendimento artístico mal sucedido; assim como qualquer coisa considerada demasiadamente óbvia, dramática, repetitiva, artificial ou exagerada.

O contexto *kitsch* é relacionado à quebra de paradigmas, a diluição da ortodoxia social, uma forma de tocar e ter o intangível objeto, reconstruir a ambiência da vida cotidiana, tendo como essência a alienação. “Embora a alienação constitua um traço essencial do *kitsch*, ele não é sinônimo de alienação, muito embora a alienação na sociedade de consumo recorra muitas vezes ao *kitsch* como signo distintivo”. (MOLES, 1972, p. 40).

Portanto, não se produz só um objeto para o sujeito, mas um sujeito para o objeto, isso faz lembrar a teoria de Gilles Deleuze (1976, p. 15) quando nos identifica como máquinas desejanças (seres humanos programados para consumir).

Mas independente dessa produção de desejo, todos nós temos algo de *kitsch*, sim, quando subvertemos a realidade e a recriamos com múltiplas ambiências é a própria arte da vida, um artifício para que a vida não se choque com o espírito.

Subverter a realidade nos faz lembrar o jogo de Johan Huizinga <sup>5</sup>. Em nossa maneira de pensar, o jogo é diretamente oposto a seriedade, que vem a corroborar com o que tem sido desenvolvido, como a paródia que é a imitação satírica do politicamente correto, do pastiche que é o velho travestido de novo, e o *kitsch* que também é a transformação do foco do social, para que se torne apreensível, palpável. Isso tudo faz parte de nosso inconsciente, e são exteriores a qualquer tipo de determinismos sociais.

O sociólogo Gabriel de Tarde (em sua obra prima chamada *As Leis da Imitação*), também nos dá um endosso desse fenômeno, não importando as mais variadas facetas com as quais ela se apresenta. Hoje mais do que nunca, na pós-modernidade, a sociedade de consumo se faz presente, ambiente onde o *kitsch* aparece dentro deste fenômeno que é a imitação.

O *kitsch* é um dos fenômenos mais representativos do pós-modernismo. Muitas qualidades já lhe foram atribuídas: canibalismo eclético, reciclagem, deleite em valores superficiais ou alegóricos. Essas qualidades são as mesmas que permitem perceber a diferença entre a sensibilidade contemporânea e a crença anterior na autenticidade, na originalidade e na profundidade simbólica. Mais ainda, a ampliação feita pelo pós-modernismo da noção de realidade, pela qual a vicariedade não mais é sentida como falsa ou de segunda mão, é apreendida como uma dimensão autônoma do real e, por mais incrível que seja, facilita a atual circulação e revalorização dessa estética.

---

<sup>5</sup> É “no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”, afirmava HUIZINGA. Para aprofundar nesse autor, pode-se consultar sua obra: *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1996.



## 4 A COMUNICAÇÃO ENTRE O PODER, A AUTONOMIA E A RESISTÊNCIA

A comunicação proporcionou ao longo da história a criação de realidades, discursos multifacetados, relacionados ao seu processo de evolução desde o telégrafo até os dias de hoje com as redes da informática

As redes de comunicação em tempo real talham o modo de organização do planeta. O que se convencionou chamar mundialização, globalização, e que vem a culminar com o que temos no mundo hodierno.

As redes, como são concebidas hoje, não são nenhuma novidade. Toda vez que se pensa na palavra rede, é feita a associação automática a internet, no entanto, toda distribuição, seja qual for o fim, é organizada estrategicamente em redes, e na bagagem sempre haverá algo que comunica direta ou indiretamente. Assim foi com as ferrovias, rodovias e o telégrafo, o que assinalou um grande salto na comunicação, dando fluidez nunca vista até então.

A invenção do telégrafo óptico, façanha esta assinada pelos irmãos Chappe, que tem como centro a pesquisa de uma linguagem por símbolos, tal sistema sustenta-se no princípio linguístico de que quanto maior o número de símbolos disponíveis menor será a necessidade de agrupamento para se transmitir uma informação. Mas, só depois de quinze anos após a invenção de outro telégrafo, o elétrico, em 1837, a sua utilização chegou ao grande público.

Comunicação, símbolos, estratégia e redes. Faz-nos lembrar da publicidade.

A guerra transformou a nação devedora que era os Estados Unidos em credora do mundo. No fim dos anos 20, a economia fordista vai desalojar o capital britânico das suas posições exteriores, e o dólar substitui a libra esterlina como divisa chave. Nasce uma nova economia-mundo centrada em Nova Iorque. Com a curva ascendente de investimentos das firmas americanas no estrangeiro cresce a presença externa das agências de publicidade que se tornam as cabeças de lista da cultura comercial. (MATTELART 1996, p. 60)

Falar em comunicação e sua proliferação nos obriga a dizer a respeito das redes publicitárias. O Plano Marshall além de ajudar na reestruturação de muitos países europeus, serviu também como um aríete na americanização da sociedade, é claro que as agências de publicidade seriam a forma mais adequada de introduzir, e naturalizar, o sonho expansionista norte americano. Sabemos que nesse plano de reconstrução vieram embutidas algumas cotas.

A implantação das empresas de publicidade num processo de feudalização estratégica desse setor foi uma delas.

A sua chegada em força dizima as agências locais na maior parte dos países onde as filiais se instalam. Malgrado o reforço da presença americana, a França foi o único país europeu a preservar uma fonte majoritária do seu mercado interno graças às suas duas figuras históricas de proa (Havas e Publicis). As filiais das agências dos Estados Unidos trabalham, pois, sobretudo para os clientes da sua própria nacionalidade. (MATTELART, 1996, p. 86)

A publicidade que trabalhava para aprimorar as técnicas de venda, com seu processo de modernização, tornou-se um conjunto complexo de estratégias com artifícios visuais, sonoros que iriam mudar os rumos da comunicação nos anos seguintes, estendendo seu alcance pelo planeta. A alteração da base econômica teria resultado em modificações nas relações políticas, na cultura e na arte.

A evidência dessas e de outras transformações advindas com a Internet propicia, dentro do campo dos estudos de comunicação, a profusão de uma série de teorias que pretendem compreender as complexas relações envolvendo a rede mundial de computadores e a subjetividade humana.

A cultura de massa produz indivíduos, indivíduos normatizados, articulados uns aos outros em sistemas de valores e submissão que traduz uma produção de subjetividade social, imposto pela instituição, podendo ser encontrado em todos os níveis da produção e do consumo.

Está acontecendo um processo de articulação do funcionamento das instituições sociais com os meios de comunicação, que nos leva ao conceito de cultura massificada, que compreende uma cadeia de poder formada por

indústrias culturais interdependentes – radiofônica, televisiva, jornalística, publicitária, fonográfica, videográfica etc., em seus vários segmentos, muitas vezes imbricados –, responsáveis pela concepção, circulação e realimentação de um rol bastante amplo e diversificado de produtos culturais, relativamente seriados, talhados a partir de modelos internacionais. Do impresso ao audiovisual, trata-se de uma cultura irradiada a partir de um centro de operações, de comando e de transmissão, dirigidas a massas estipuladas previamente como públicos-alvo relevantes, a serviço de uma diuturna, acirrada e sempre mutável concorrência. Embora este centro de operações esteja hoje fragmentado em vários pólos.

Denominamos essa cultura como tecnocultura, uma designação para o campo comunicacional enquanto veículo de produção de bens simbólicos ou culturais, exercendo influências nas representações sociais, quando veicula dispositivos de estetização e culturalização da realidade.

Submetida às regras do mercado, à lógica do lucro e ao gosto medial das multidões, a cultura massificada invadiu todos os poros das sociedades tecnológicas contemporâneas.

Prega-se uma falsa democratização da cultura que se torna clara quando observamos que os meios de comunicação impõem uma homogeneização que desconsidera os focos catastróficos da pobreza ou de sua obscena contiguidade com as zonas abastadas, produzindo uma fricção social entre incluídos e excluídos.

Neste momento tecnocultural, as imagens estetizantes disseminam-se por toda parte resultando em subjetividades pré-fabricadas. O sujeito busca um lar para a mente e o coração, acreditando tê-lo encontrado nas redes computacionais, resultado da aliança entre comunicação e tecnologia. No processo de globalização das culturas do mundo, o consumo, imperativo no mercado, aparece como doutrina com pretensões de substituir as formas representativas tradicionais.

Essa atrelagem ao mercado e o condicionamento pelo lucro acusam, por si sós, o quanto essa cultura está umbilicalmente envolvida na proliferação

desenfreada das práticas de consumo e, assim, na reprodução histórica do capital em sua fase tecnológica avançada<sup>6</sup>.

O lucro capitalista implica na manipulação da produção do poder subjetivo. A subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material. O que se poderia dizer é que o indivíduo só existe a partir de uma subjetivação oriunda de um discurso comum.

Talvez o deslocamento progressivo da ideia de subjetividade da consagrada noção de sujeito, na qual tem origem e da qual ela deriva, seja uma maneira de incluir certa dimensão de exterioridade, de pluralidade e de diferenciação à ideia de sujeito. Não cabe entrar nas flutuações por que passou o termo subjetividade, mas em seu significado de interiorização da realidade.

#### **4.1 Poder: reprodução e transformação cultural**

Se o homem necessita do coletivo, por certo este só pode existir se houver alguma afinidade e organização. Para que o comum exista, cada homem, único, deve estar convencido, ou forçado, a abdicar de parcela de sua vontade, de sua liberdade e de sua individualidade a fim de manter a coesão, a ordem e o bom funcionamento do grupo. Essa dualidade provavelmente foi o primeiro tributo que o homem suportou, abrindo mão de uma parcela de sua individualidade em benefício de sua subsistência, aceitação e status nos grupos, dos quais deseja fazer parte. Há um paradoxo imposto pela ordem prática: o indivíduo precisa sacrificar parte daquilo que o faz único para ser reconhecido e aceito, pois só diante de outrem, ele se reconhece enquanto indivíduo, único em si mesmo, tal ideia remete a questão da sujeição psíquica relacionada à imperatividade do poder e como violência subjetiva, embora possamos pensar que exista aí um conflito no que se refere às opções: fica

---

<sup>6</sup> Segundo Eugênio Trivinho o tema da cultura massificada é tão antigo quanto profuso. A ideia de cultura massifica está presumida no conceito de comunicação, entendida necessariamente como comunicação eletrônica, em todas as suas variantes.

claro que o homem livre é renegado à solidão e que a sujeição seria um bom refúgio. Quando está dentro sente-se reprimido, quando está fora, excluído. No entanto, a luta é sempre pela inclusão.

Todo o poder emana do Estado, embora, contrariamente, para consumo e consolo da plebe, se afirme que emana do povo. O poder inclui ou exclui. Ao Estado - ou às classes que ele representa - interessa: a) manter a coesão e a ordem social e b) garantir a produção permanente e crescente de bens.

Althusser, em *Aparelhos Ideológicos de Estado* afirma que:

Como o dizia Marx, até uma criança sabe que uma formação social que não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que produz, não sobreviverá nem por um ano. Portanto, a condição última da produção é a reprodução das condições de produção (ALTHUSSER, 1985, p. 53)

As condições de produção constituem-se, para o mesmo autor, das forças produtivas, que são os meios materiais e a força humana de trabalho. A reprodução da força de trabalho, além do treinamento específico ao desempenho profissional, exige sua reprodução através do salário. Paralelamente, diz Althusser, exige do trabalhador

...sua submissão às normas da ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante por parte dos operários e uma reprodução da capacidade de perfeito domínio da ideologia dominante por parte dos agentes da exploração e repressão, de modo a que eles assegurem também “pela palavra” o predomínio da classe dominante. (ALTHUSSER, 1985, p. 58)

O poder e o mundo determinado por ele, sempre elaborou estratégias nas quais são encenadas uma miríade de ilusões legitimadoras e táticas do engano que sempre compuseram o teatro político na imposição de valores.

Como ironiza Valéry (1996, p.65), o próprio princípio do poder é o abuso, mas o poder sem abuso perde seu charme.

O modo como o poder se reproduz é bem exemplificado pela metáfora deleuziana estruturando o pensamento no que diz respeito ao rizoma do eixo tronco que se divide em ramos alimentados pelos conteúdos do rizoma.

Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo o método espiritual. E do lado do objeto, segundo o método natural, pode-se sem dúvida passar diretamente do uno a três, quatro ou cinco, mas sempre com a condição de dispor de uma forte unidade principal (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p.13).

O conceito de aparelho ideológico de Estado de Althusser tem estreita relação com o rizoma de Deleuze e a idéia de dispositivo de Agamben, pois:

Generalizando posteriormente a já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivos qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (AGAMBEN, 2009, p. 40)

Àqueles a quem nós convenciamos chamar de trabalhadores sociais, jornalistas, psicólogos, assistentes sociais, educadores, animadores, gente que desenvolve qualquer tipo de trabalho pedagógico ou cultural em comunidades de periferia, em conjuntos habitacionais etc. atuam de alguma maneira na produção social de subjetividade.

Embarcamos nesse processo de divisão social geral de produção de subjetividade e não há mais volta. Mas, por isso mesmo, podemos interpelar todos aqueles que ocupam uma posição de ensino nas ciências sociais e psicológicas, ou no campo de trabalho social, todos aqueles cuja profissão consiste de forma mais evidente e direta em se interessar pelo discurso do outro. Eles fazem o jogo dessa reprodução de modelos que não nos permite criar saídas para os processos de singularização ou estão trabalhando dentro de suas possibilidades, como agenciadores que consigam pôr para funcionar estratégias que se oponham a esses processos.

Talvez repetir ideias e valores que formam discursos dominantes de uma sociedade torne fácil às classes sociais pensar e expressar-se, mesmo que advindos daquela escola que possui interesses na reprodução cultural e que remete à questão do rizoma.

E por falar em reprodução de conhecimento, que nos remete às categorias aquelas que determinam a forma de pensar e agir dos entes sociais, e diante disso para que se comece a pensar em transformação, teremos que desconstruir e reestruturar o tronco rizomático que as estruturam. Em Cuba há algo chamado de serviço de ajuda internacional que consiste num grupo de agentes da saúde que tem a incumbência de prestar assistência aos países pobres do terceiro mundo.

Desde que começou o programa de assistência médica a outros países, na Argélia, em 1963, Cuba enviou 51.820 médicos, dentistas, enfermeiras e outros especialistas” às “nações mais pobres do Terceiro Mundo”, proporcionando “ajuda médica inteiramente gratuita” na maioria dos casos. Para os cubanos, “o serviço internacional” é considerado “um sinal de maturidade política”, ensinado nas escolas como a “virtude suprema”. (CHOMSKY, 2002, p. 92).

Vê-se neste singular contexto cubano a importância da escola no processo de estruturação da subjetividade e na desarticulação do pensamento hegemônico, e ir além do pensamento mercadológico.

Hoje existe um discurso fatalista no sentido de não apresentar possibilidades de soluções, isso é muito comum entre os pesquisadores e intelectuais dos centros acadêmicos da atualidade. Existe interesse de alguns, porém, forças superiores, como a influência da lógica do mercado que interfere até nos projetos desenvolvidos nas Universidades, visto que teriam que atender à demanda mercadológica, impedem a criação de uma episteme a partir de uma nova teoria pautada em soluções voltadas às questões sociais.

Neste contexto de singularização, muitas Universidades são simples depositárias ou canais de transmissão de um saber científico, salvo alguns núcleos instituídos dentro da própria Universidade. Só por isso já fizeram uma escolha reacionária. Inocentes ou não, elas ocupam efetivamente uma posição de reforço dos sistemas de produção de subjetividade dominante.

A educação universitária esteve sempre ligada à reprodução das elites. A formação da pessoa completa significava a assimilação de modos e padrões de civilidade que formavam o corpo e podiam ser imediatamente percebidos na aparência e no comportamento da pessoa. (FEATHERSTONE, 2000, p. 64).

## 4.2. A ANOMIA NA PÓS-MODERNIDADE

Há períodos históricos considerados anômicos em que a subjetividade goza de pseudo-autonomias, porém, carecendo de valores que indiquem o norte das ações coletivas.

Apesar se constituírem-se períodos de explícita anarquia, surgem possibilidades de grandes mudanças.

Há uma relação entre as transformações sócio-econômicas e seus efeitos na sociedade que se chama de anomia. (DURKHEIM, 2007)

Anomia é o resultado da ruptura entre objetivos individuais, culturalmente estabelecidos e os meios socialmente instituídos para alcançá-los, situação que tanto pode ser provocada por grandes alterações sócio-econômicas, como por transformações inerentes ao processo de industrialização próprio da revolução industrial.

O termo anomia quer dizer uma impossibilidade de atingir aos fins culturais. Ela ocorre quando há insucesso em atingir metas culturais devido à insuficiência dos meios institucionalizados, o que produz uma conduta desviante.

A anomia apóia-se sobre uma oposição fundamental: de um lado os desejos individuais; de outro, as regras sociais que eram interiorizadas para formar o eu. Uma estrutura normativa não correspondente aos anseios individuais que causavam condutas alteradas, tal esquema pode ser formulado em termos da existência de dois elementos radicalmente heterogêneos: a regra normativa e o desejo indisciplinado e caótico (DURKHEIM, 2007). Essa condição nos remete à pós-modernidade e o conceito de máquinas desejantes (DELEUZE, 1976) que influenciados pelo mundo capitalista seriam acometidos de esquizofrenia, alterando a subjetividade.

A regra normativa uma vez interiorizada controlará a conduta individual, sendo que nesse modo não está só se pensando nas relações contratuais, mas nas relações sociais de um modo geral. Assim, os desejos individuais são caóticos, desenfreados e indisciplinados, conclusão óbvia já que, se não o



fossem, não haveria a necessidade de controle e disciplina. (DURKHEIM, 2007).

Quando essa estrutura normativa se encontra perturbada ou desorganizada, a conduta individual igualmente sofre perturbações, o indivíduo se perde num vazio de atividades sem sentido. No limite extremo desse estado anômico encontra-se o estado de individualismo que é a guerra de todos contra todos.

Desde a Revolução Industrial até os dias de hoje, a aceleração dos processos de mudança no contexto planetário criou também muitos espaços em que a carência de normas regulares se faz presente. Verdadeiros territórios desérticos de organização social, decorrentes de múltiplas causas, engolfam inúmeras pessoas e até nações inteiras.

Apesar de a Humanidade já ter vivido, em outras épocas, momentos de intensa anomia (já que ela é o contraponto inevitável dos grandes processos de mudança histórica), a anomia de hoje não é como a de antigamente. Ela é resultante de processos econômicos inéditos, possui uma extensão planetária, engloba um volume demográfico sem precedentes e interage com forças econômicas e de desenvolvimento científico e tecnológico, cujos impactos são assustadores.

O Brasil não fica à margem desse processo em escala global. Durante esse tempo sofreremos um intenso processo de industrialização e de urbanização, com movimentos demográficos que envolveram milhões de pessoas. Muitos foram desterrados de suas origens, inseridos em espaços sociais radicalmente novos, participando da construção de uma nova sociedade e de um novo país. O formigueiro de Serra Pelada é um bom exemplo desse caráter maciço, cego e inexorável que vivemos na última metade do século passado. Assim como o êxodo do nordestino que parece nunca ter fim, baseado na expectativa de uma vida melhor que acaba frustrada pela saturação de uma malha urbana sem estrutura para atender toda a demanda. O retirante então, além da desterritorializado, é inserido a ferro e fogo na sociedade globalizada da informação e do conhecimento, como condição inevitável de sobrevivência. Inserção fictícia, uma vez que as

peculiaridades de suas origens não a permitem. Cria-se assim uma massa marginal.

O ponto controverso da sociedade brasileira está aí: de um lado, pertencemos às dez primeiras economias do mundo ocidental e, de outro, carregamos a dívida social representada pelo montante imenso de miséria e marginalidade que esse mesmo processo de desenvolvimento criou e continuará criando.

Por isso encontramos-nos em um lugar ideal, como atores e observadores, para examinar o impacto desses grandes processos de mudança que a humanidade vive. Mais do que nunca, estamos no mundo, fazemos parte desse grande laboratório humano de mudanças sociais, políticas e econômicas em que nosso planeta está se transformando nesta altura da História.

A fragmentação do tecido social é uma das faces da anomia nesse processo: os avanços econômicos dos últimos tempos nem sempre reverteram em progresso social, lançaram as pessoas no isolamento, no individualismo e na tentativa cega de sobrevivência a qualquer custo.

A população está cética em relação às leis brasileiras, prova disso foi o maior número de abstenção em eleições dos últimos anos. Estamos, de alguma maneira, cansados dos escândalos que não cessam de acontecer. Esse alarmante perfil está detalhado nas inúmeras pesquisas que apontam para a fragilidade de nossas instituições e no consenso em torno da idéia de que em favor da eficiência tolera-se a desonestidade e a ilegalidade. Na questão da segurança pública nos grandes centros urbanos, principalmente ao nível da rua, ou cidade estendida (submundo), por exemplo, vê-se que há medo na população, que se expressa na desconfiança em transitar pela cidade. Episódios frequentes evidenciam um equívoco que tem suas raízes na anomia: não há referente para discriminar a quem se pedir ajuda. O que fazer se o efeito anômico em um sistema social que se expressa pela falta de acordo acerca das normas que se julgam legítimas? O poder público garante, em seus discursos, a presença de policiais nas ruas, mas a canção popular recomenda chamar o ladrão. Se não se compartilham as normas, os cidadãos não sabem

o que esperar uns dos outros, condição social excelente para produzir relações de insegurança.

Hoje a solução passa por encontrar modelos e formas de regulação de outra ordem. De um lado, as leis precisam ser modificadas e aplicadas com maior agilidade, dada a velocidade dos processos de mudança no ambiente. De outro, a legitimidade das leis dissolve-se à medida que seu processo de elaboração permanece muito distante do cidadão comum, que, por isso mesmo, não absorve seu sentido, nem se compromete com ela. Essa distância, também, abre brechas por meio das quais o conteúdo da lei se transforma de justiça em injustiça, em razão de parcialismos e também de interpretações distorcidas.

A sociedade em que vivemos abre perspectivas de toda natureza, o ser humano antagonicamente encontra-se ao mesmo tempo mais feliz e mais infeliz, talvez possamos afirmar que os contextos de fracasso e de prosperidade econômica estão e estarão presentes, como pano de fundo das queixas das próximas décadas. Possivelmente estaremos inseridos em relações ainda mais instáveis, jogados numa maior solidão, o vazio será mais insuportável, seremos mais exigidos na administração do êxito, a exclusão tenderá a ser maior e para proteger-se, impedindo o abalo causado pelo vazio, anestesia-se a dor do corpo e da mente.

### 4.3 MENTES COLONIZADAS

Devemos fazer algo no que diz respeito ao bombardeio que nossa subjetividade vem sofrendo na pós-modernidade? Há a necessidade de recompor uma identidade neste mundo onde territórios nacionais, culturais, étnicos, religiosos, sociais, sexuais perderam sua estrutura? Como construir um território num ambiente móvel? É claro que sempre houve incluídos e excluídos, os de dentro e os de fora, enfim, final feliz ou fim de tudo?

Quando o falar cubano se agita, há sempre várias línguas, várias civilizações que se expõe e o centro não está em lugar algum (SARDUY apud PINHEIRO, 1995, p 62).

A civilização ocidental é fruto da contribuição de inúmeras civilizações, principalmente do Oriente. Nas conquistas de Alexandre, o Grande, os povos derrotados eram naturalizados como cidadãos gregos para que sua cultura fosse agregada, o que era conveniente. Por conta disso o pensamento ocidental foi construído com base numa antropofagia articulada (ZEA, 2005, p. 69).

Não podemos dizer o mesmo aqui da América Latina, onde o domínio pelos portugueses e espanhóis se deu de forma predatória, não houve preocupação com a manutenção da cultura dos povos aqui encontrados, nem mesmo sua integração na cultura do colonizador (ZEA, 2005, p. 73).

Embora muitos não entendam dessa forma, existe, sim, um bombardeio cultural, transplantes dessa cultura européia que muitos teóricos chamam de planetária, negando os diversos contornos culturais existentes, não havendo uma troca cultural saudável, somos apenas recipientes, é necessário selecionar, mas como?

Por vivermos um oceano de controvérsias, num país emergente, do ponto de vista neoliberal, consideramos naturais os nossos pensamentos dominados pelo conquistador de outrora, mesmo com a extinção formal do colonialismo nossos pensamentos permanecem ainda cativos. Há

naturalização de hábitos, cultura, língua, como se estivéssemos diante de um espelho que reflete quem ou o que nos domina.

É importante esclarecer que esse sentimento do grupo não é natural, nato, ele é transformado em natural. Para que essa dominação ocorra é necessário ao dominante ou colonizador, em prol de seus próprios interesses, lançar mão de estratégias, planos e ações. A esse conjunto de atitudes chamamos de agentes legitimadores, pois sua função é convencer aqueles, os quais vivem sob domínio, a acreditar que essa nova subjetividade, que agora possuem, é legítima e natural.

A religião foi e ainda é uma das formas mais eficazes de tornar natural uma cultura importada, através de mediações simbólicas como o gesto, o canto, o rito, a oração dita pelo novo código linguístico.

Assim se deu o novo processo de subjetivação que se estende até os dias de hoje através de inúmeros mecanismos como os meios de comunicação que, instrumentos das grandes empresas internacionais produzem perfis comportamentais ligados ao consumo. Prova disso é a facilidade com que o marketing vende ideias e produtos, pensamentos e comportamentos. Estando munido de todo alcance que julgar necessário ou conveniente, a comunicação se propaga por vários meios, dessa forma as corporações se utilizam dele (o marketing) para tornar natural a sua produção.

Muitas são as fontes usadas para naturalizar os perfis comportamentais, por exemplo, a escola, o trabalho, a família. São fontes que embora de forma micro, exercem grande influência na subjetividade. Porém, a mídia, seja escrita, televisiva ou eletrônica, por seu poder de alcance, pela velocidade com que consegue circular, pode ser considerada atualmente a mais eficaz fonte de produção de subjetividade.

É possível afirmar que todos os meios de produção, desde os primórdios da história, possuíam um agente legitimador que viessem, de certa forma, naturalizar as categorias que nos orientam.

A forma como isso se deu trouxe sérias interferências nas reconfigurações de nossas representações sociais, sempre tentando adequar ao colonizador o uso de categorias de outra diversidade cultural e social. Ledo

engano, sempre estaremos a muitos passos dos donos dos meios de produção que, como seu nome indica, uma relação social (um modo) de produzir os bens materiais indispensáveis para existência material dos homens mulheres e crianças, que vivem em determinada formação social.

Segundo Max Weber (2002) a significação subjetiva do agente subordinado não tem qualquer importância, visto que, obedecendo, ele renuncia à capacidade de expressão social do significado subjetivo ao tornar-se instrumento de um comando.

O livre mercado pregado pelo neoliberalismo só é válido para os seus protagonistas, aos outros os embargos são severos por praticá-lo, estabelece-se um paradoxo.

Fala-se muito em equidade social, aliás, há uma explosão discursiva em torno do assunto, mas as raízes do sistema de produção capitalista não permitem que as questões sociais comecem a fluir.

Questiona-se muito a aplicação de políticas assistencialistas, com o discurso de que tais políticas têm cunho eleitoreiro, que são paliativos. Esse discurso é plenamente passível de concordância dependendo do ângulo, no entanto, como resgatar aqueles que precisam comer agora? Neste sentido, tais políticas assistencialistas têm sim seu fundamento. Nota-se hoje uma mutação na relação entre as esferas pública e privada. O recrudescimento do privado em detrimento do público está associado a uma diminuição da crença na política. Com isso o fortalecimento do individualismo, nos dias de hoje, é um dos impedimentos à cidadania. As pessoas não compartilham mais coletivamente suas angústias. Se cada indivíduo tem que lutar sozinho por sua sobrevivência num Estado cada vez mais mínimo, se não há mais órgãos coletivos encarregados na manutenção da sociedade fica fácil entender porque a balança comercial substitui o bem estar social como indicador de desenvolvimento.

Quando se admite que o desenvolvimento não se resume ao aumento da renda per capita, é muito comum que imediatamente surja a idéia de que o problema fundamental, então, é o da distribuição de renda. Isto é, que o desenvolvimento poderia ser facilmente definido pela combinação do crescimento com a

distribuição da renda. Infelizmente a questão não é tão simples. (VEIGA; 2005, p. 42)

Notamos então que as políticas assistenciais ficarão ainda por um bom tempo nesta gestação sem fim até que se desarticule esse fundamentalismo doutrinário, como diz o bordão. Falta só vontade política. Poderíamos não só, mas também, começar com ela. É como plantar, mas antes a terra tem de ser arada, preparada, o clima estar propício, enfim, condições para que se colha o que se espera, daquilo que foi plantado, ou melhor, a ser plantado.

Devemos ou não nos politizar, restaurar a teoria crítica considerada apenas mais um entre outros metadiscursos, diluído na pós modernidade? É possível construir uma pseudo-autonomia diante dessa realidade imperativa? Segundo Aristóteles (2004), o homem é um animal político (*zoon politikon*), mas só que, no momento, um tanto despolitizado.

Se existe uma tarefa hoje para a teoria crítica, é justamente a de buscar recursos para repovoar a hoje quase vazia agora - o lugar de encontro, debate e negociação entre o indivíduo e o bem comum, privado e público (BAUMAN, 2000, p. 51).

Queremos autonomia, inclusão, reconhecimento. Mas, nós, sujeitos pós-modernos, não agimos de forma crítica. Podemos pensar que algo está por vir por trás dessa ressaca social, podemos esperar uma boa nova?

Será mesmo que esta postura insurreta dos jovens, hoje em dia mais instruídos do que em outros tempos, porém desprovidos de um senso crítico mais apurado, tem algo a nos oferecer, mas que nossos olhos ainda não podem ver? Esse contexto pode ser um sinal de algo transformador? É inegável que a renovação tecnológica é muito importante, porém há que estarmos atentos e cautelosos, utilizando de criticidade para discutirmos as circunstâncias de sua aplicação.

Quem na pós-modernidade quer realmente transformar o que está posto? Causa um mal-estar nos descobrirmos inclusos sem estarmos, agarramo-nos a algum perfil que nos dê a sensação de inclusão, e ficamos felizes então com a imagem. O real para quê? Transformar o quê? Porém,

essa flexibilização imagética do ser na composição de várias ambiências funciona como um neuromodulador que atenua o peso da existência.

É difícil acompanhar o ritmo da ciranda, nada é o que é porque já deixou de ser, essa sensação de nostalgia pelo presente também nos epifaniza, a pós-modernidade na verdade é uma cilada, quanto mais tentamos entendê-la mais emaranhados ficamos, como fios de um rolo que não se pode mais reconhecer, tarefa difícil fazer uma leitura de um contexto que tem a inquietação de um elétron, mas é isso que faz da pós-modernidade algo muito instigante.

O novo, sempre ele, a sua primeira aparição sempre causa assombro. Sendo assim, permaneceremos por muito tempo a espera do despertar crítico, pois ele nos é apresentado a todo instante .

Talvez depois o impulso de tentar entender e explicar os efeitos desestruturadores que a atual condição acarreta na percepção política da realidade, mas quem vai querer entender?

Acompanhando a história dos movimentos e lutas de classes, percebe-se a postura insurreta própria daqueles que procuram inclusão; paradoxalmente, observa-se nos movimentos de contracultura que partem das classes mais abastadas - como, por exemplo, a tropicália, movimento cultural brasileiro, que teve forte influência de correntes artísticas vanguardistas e também da cultura popular nacional, com nomes como Gilberto Gil, Gal, Caetano, Glauber Rocha, Hélio Oiticica.

Mergulhando um pouquinho na história brasileira, é possível ler-se que todas as conquistas das classes desprivilegiadas é fruto apenas de concessões advindas de um plano social superior e que as lutas de classe tiveram pouca relevância nos acontecimentos sociais como, por exemplo, o antagônico governo de Getulio Vargas.

O linguista britânico Basil Bernstein propôs uma diferença estrutural interessante entre a linguagem dos falantes burgueses, que ele chama de código, e a que é usada pela classe trabalhadora. Esta última, afirma Berntein, tende a aprender que aprende a falar uma linguagem essencialmente específico-situacional, que ele chama de a código restrito. Como seu circuito social é mais limitado, e suas possibilidades de comunicação estão delimitadas pelas diversas fronteiras urbanas e do gueto e pela impossibilidade de 'contestar" os



meios de comunicação dominante, sua atividade lingüística ocorre entre pessoas que se entendem à demi-mote, tacitamente, sem maior elaboração (JAMESON, 2006, p. 156)

#### 4.4 MICROPOLÍTICAS COMO POSSIBILIDADES

Houve um tempo em que os sindicatos, grupos politizados, influenciados pelo discurso marxista, arregimentavam grandes massas em detrimento de uma luta por direitos políticos e sociais contra o discurso dominante. Com a naturalização do sistema capitalista, os grandes discursos perderam sua força. No entanto, se tentamos apreender o processo de surgimento de lutas sociais dessa forma, elas têm a ver com a experiência do reconhecimento (HONNETH, 2003) não só no aspecto mencionado: a resistência coletiva, proveniente da interpretação socialmente crítica dos sentimentos de desrespeito partilhados em comum não é apenas um caminho eficaz de reclamar para as gerações futuras conceitos maximizados de reconhecimento. Como mostram as reflexões filosóficas embasadas na teoria crítica, juntamente com as fontes literárias como, por exemplo, a de Axel Honneth (2003) em seu livro *Luta por reconhecimento*,

O engajamento nas ações políticas possui para aqueles envolvidos também a função direta de arrancá-los da situação estagnante do rebaixamento passivamente tolerado e de lhes proporcionar, por conseguinte, uma auto-relação nova e de caráter positivo. A razão dessa motivação secundária da luta está ligada à própria estrutura da experiência de desrespeito. (HONNETH, 2003, 259).

É notória a nova configuração social, o esvaziamento dos grandes movimentos políticos e de grandes conflitos. Os movimentos sociais têm novo contorno, além da resistência à reprodução de subjetividades, há um processo em andamento de produção subjetiva ímpar, original. Propiciando a construção de uma subjetividade singular é um grupo automodelador, capaz de definir

suas próprias referências, sem sucumbir constantemente à dependência em relação ao poder do colonizador sob o aspecto econômico, cultural, técnico. Essa autonomia relativa permite ao grupo um mínimo de possibilidade de criação. O mundo está cada vez mais individualista, obviamente é uma característica do capitalismo. No entanto, como nunca, há lutas organizadas em células que acontecem em todos os níveis: pessoais ou interpessoais, resultando em mudanças para todo o grupo afetado ou apenas para os integrantes de determinada célula, não importa, macro ou micro, o que importa são resultados positivos ganhos.

As lutas nucleares permitem criar condições não só para a vida coletiva, mas também para vida própria do indivíduo. Tais esforços estão criando mutações na subjetividade consciente dos indivíduos e dos grupos sociais.

Algo que não pode passar despercebido nesta questão dialética relacionada à imposição e à resistência é a influência da língua.

Não é a faculdade de falar que propõe o poder, é a faculdade de falar enquanto se obstina numa ordem, num sistema de regras. A língua, diz Barthes (com um discurso que repete as linhas gerais), me obriga a enunciar uma ação propondo-me como sujeito, de modo que a partir desse momento o que faço será Consequência do que sou; a língua me obriga a escolher entre masculino e feminino, e me proíbe de conceber uma categoria neutra; não tenho o direito de deixar imprecisa a minha relação afetiva ou social (ECO, 1981, p. 317).

A língua inglesa, que também é a do discurso superior, tornou-se uma língua imprescindível para sobrevivência no nicho mercadológico, e por isso um eficaz meio na transmissão de ideologia. Nota-se também, e é evidente a dimensão tomada pela língua espanhola, que obteve seu start no Mercosul como possibilidade de ruptura, principalmente aquelas relacionadas ao Ocidente Bárbaro, porém sem uma projeção que faça frente a língua disseminadora da economia de mercado dominante. A América do Sul parece estar ainda bem longe de uma união que permita uma cisão com o outro Ocidente, no desenvolvimento, na melhor das hipóteses, de sua própria economia de mercado ou no esmagamento desse cordão umbilical.

Isto pode ser dito pelo fato de que uma economia autônoma não seria, como se sabe, uma panacéia na resolução dos problemas sociais, mas pelo menos uma providencial possibilidade de estar-se livre desse inconveniente senhorio, nessa opressora escala da dominação, que daria à América Latina a chance de voos mais ousados no que se refere as suas possibilidades na busca por autonomia.

Na busca de autonomia, podemos citar alguns exemplos de iniciativas localizadas:

Um projeto de lei do Senador Paulo Paim criou o Estatuto da Igualdade Racial, projeto que também culminou com a criação da Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira – UNILAB (2010). Conquista fortemente impulsionada pelas lideranças dos movimentos negros. O movimento feminista também tem conquistado resultados bastantes satisfatórios relacionados à violência impetrada pelo homem, como a criação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06), sancionada em 7 de agosto de 2006. Entre as muitas mudanças feitas pela Lei está o aumento no rigor das punições das agressões contra a mulher quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar. A lei entrou em vigência no dia 22 de setembro de 2006, já no dia seguinte, o primeiro agressor foi preso, após tentar estrangular a ex-esposa.

Também há os movimentos indígenas que têm evitado, de forma significativa, a feudalização de suas terras, tendo até, em algumas tribos, uma melhoria em suas condições de saúde, aumentando assim a expectativa de vida de sua população, entre outras conquistas. Estes são alguns exemplos de lutas celulares que dão origem a resultados de abrangência macro.

Soma-se mais uma conquista com um projeto em que foi pensada uma rede de comunicação não comercial, cujo resultado é a Televisão Latino-Americana – TAL (2010). Este projeto é multilateral com um número bastante expressivo de associados, que são canais de televisão, instituições culturais e governamentais e produtores independentes, distribuídos em vinte e um países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Honduras, México,

Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

A TAL tem hoje, construídos de forma cooperativa, mais de seis mil títulos, contendo documentários, programas culturais e educativos sobre a América Latina, promovendo o intercâmbio de conteúdo audiovisual entre seus associados e a distribuição da cultura local via Internet. Considerada a maior plataforma de cross-media cultural do continente, divulga o seu conteúdo simultaneamente na TV e Internet.

Hoje sua programação é exibida por 23 canais de TV associados em doze países, quase todos com transmissão aberta, abrangendo um grande número de telespectadores.

Através da internet tem-se acesso gratuito a toda a programação advinda de todos os países da América Latina, programação esta constantemente renovada. É possível conhecer ações especiais como o Catálogo de Documentários da América Latina – um grande banco de dados aberto a produtores independentes que publicam notícias sobre os associados e assuntos de interesse da comunidade latino-americana.

Ela ainda elabora e executa projetos de produção, pensando sempre em inovar, a exemplo da série Os Latino-Americanos, realizada em dez países da América Latina em parceria com jovens diretores e produtores independentes.

A TAL é uma entidade sem fins lucrativos, sediada na cidade de São Paulo, Brasil, qualificada pelo Ministério da Justiça do Brasil como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

É preciso dizer que para que haja engajamento político, seja ele macro ou micro, se faz necessário um resgate da cidadania e de uma identidade cultural, ou melhor, de uma cidadania cultural que repele os mecanismos de interiorização dos valores impostos pelo mercado capital e procura por uma afirmação positiva e democrática da criatividade.

Temos uma grande dificuldade em construir uma identidade nacional, não de um nacionalismo cego e inocente, porém com certa autonomia, eliminando alguns agentes opressores. O discurso nacionalista do terceiro mundo, muitas vezes pressupõe uma identidade nacional monolítica, sem levar

em consideração que a maioria dos estados – nações contemporâneas – é formação mista. Um país como o Brasil é um país em desenvolvimento sob uma perspectiva econômica (dado o seu estado de dependência), mas ainda é dominada por uma elite europeizada. Houve um movimento na década de 20 com a Antropofagia, quando os modernistas brasileiros fizeram do motivo do canibalismo a base de uma estética insurgente ao exigir uma síntese criativa da vanguarda européia e do canibalismo brasileiro, propondo que as informações vindas dos países superdesenvolvidos fossem devoradas antropofagicamente. Assim como os índios tupinambás devoravam seus inimigos para se apropriar de sua força, os modernistas insistiam que os artistas e intelectuais brasileiros deveriam digerir os produtos culturais importados para explorá-los como matéria-prima para uma nova síntese, diluindo assim a influência exterior.

Existem núcleos engajados numa política para além do mercado voltado para uma realidade mais familiar, como o Centro de Estudos Latino-Americanos em Comunicação e Cultura – CELACC (2009), onde são desenvolvidas muitas pesquisas, voltadas às questões latino-americanas direcionadas a um gerenciamento auto-sustentável.

É pertinente salientar que para se ter algo próximo daquilo que possamos chamar de autonomia, é necessário que haja um resgate das identidades dos entes que compõem as representações sociais e as políticas afirmativas podem se transformar num grande auxílio.

Recentemente foi criada a UNILA (2010), Universidade Federal da Integração Latino-Americana, que visa promover pelo conhecimento compartilhado a integração regional solidária. É um projeto latino-americano para enfrentar os desafios da pós-modernidade. O objetivo da Universidade é formar pesquisadores que criem uma episteme mais apropriada a nossa sociodiversidade, uma auto-sustentabilidade embasada no MERCOSUL.

Estas tentativas desfibrilantes de resgate contêm, em sua essência, para muitos, ou melhor, para a maioria, um discurso idealista que remete ao sonho e à utopia, a busca por algo intangível, longe de qualquer possibilidade; no entanto, devemos lembrar que o status quo foi precedido por uma ideologia e

que para instituir-se foi necessário utilizar estratégias, procedimentos metodológicos epistêmicos legitimando-se, por fim naturalizando-se.

O pensamento de que não é possível existir alternativa melhor do que o status atual é um fatalismo. É verdade que ainda não está claro como estabelecer uma nova ordem, ou melhor, uma adequação do meio de produção a fim de melhor equalizar as subjetividades nacionais. Mas todo progresso histórico desde a escravatura e o estabelecimento da democracia até a extinção formal do colonialismo teve de superar em algum momento a angústia de sua própria impossibilidade pelo fato de nunca ter sido realizado antes. Isso nos remete à ideia de que há possíveis vias de acesso para transformações.

Levanta-se a dúvida se é concebível que uma sociedade organizada e real se utilize de modos de produções subjetivas diferentes do que oferece a industrialização global. É necessário criar condições para a produção de um tipo de subjetividade adequada que responda às vias de especificação das representações sociais brasileiras.

Os meios de comunicação, as tecnologias empregadas para o monopólio da comunicação devem estar a serviço da maioria da população e devem atender à grande diversidade cultural, histórica, deve atender à grande diversidade de relações que ocorrem nesse país, que não merece ser enganado, embalado como se fosse um produto só. (CORTEZ, 2007, p. 133).

O monopólio da comunicação é um grande impedimento ao sucesso das micropolíticas e de sua democratização, ter um meio de comunicação como aliado é um passo importante no processo de autonomia e manutenção da resistência. Todos aqueles que estão à margem do discurso vigente, como o negro, o índio, a mulher, entre outros grupos que reclamam uma participação mais igualitária nos programas de televisão e na publicidade, pois sempre são expostos de forma estigmatizada com uma representatividade quase nula, pois os conteúdos são manipulados.

É necessário sim, um espaço autônomo na comunicação, um sistema de televisão a exemplo da TAL, embora seja mais uma concessão do discurso

dominante, situação paradoxal, porém, que nos leva a repensarmos a América Latina, numa conspiração silenciosa na busca por autonomia.

E de rádio difusão como a Rádio Favela (2010) que, obtendo alvará de funcionamento em 1986, divulga fatos e expõem as necessidades da comunidade do morro Nossa Senhora de Fátima, em Belo Horizonte, assim como o Jornal Sem-Terra (2010), em atividade há 16 anos, tem o intuito de educar e deixar os membros desta comunidade a par das diretrizes e anseios do movimento com relação à democratização da terra.

Fica evidente a necessidade que essas pequenas organizações têm de se arregimentar, a partir de um meio de comunicação tornando-se visíveis e ao mesmo tempo tomando ciência e redimensionando o seu futuro. A visibilidade num momento onde ter como e saber comunicar pode ser essa linha tênue que separa o esquecimento do reconhecimento social na conquista da cidadania, talvez nunca antes vivido.

Estes outsiders sociais não têm muita escolha a não ser organizarem-se, tais rebeldes, transgressores situacionais, são assim rotulados por não se adequarem ao circuito vigente.

Do ponto de vista psicanalítico, “a experiência transgressiva implica necessariamente, o desamparo, pela incerteza e imprevisibilidade em que lançam o sujeito”. (BIRMAN apud PLASTINO, 2002, p. 58)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi exposto, podemos dizer que a pós-modernidade é um período histórico-cultural com início, possivelmente, ao término da II Guerra Mundial, estendendo-se até os dias atuais. Caracteriza-se, paradoxalmente, pela ausência de caráter unívoco. Em nossa época, tudo é contemporâneo, mas nela convive o tradicional, o moderno e o pós-moderno, como, por exemplo, nas artes.

A pós-modernidade também é reconhecida pela reciclagem e bricolagem dos produtos culturais de todo e qualquer período passado e o consumo voraz desses produtos como forma de bens materiais e de valor.

Este período caracteriza-se pela proliferação de signos, pela alta tecnologia e pela velocidade que impedem que os usuários se apropriem de significados. Significantes sem significados. A imagem comum da pós-modernidade são as cidades decadentes e os shoppings centers luxuosos, onde predominam a ausência de referências morais e autoridade legal.

Ao mesmo tempo em que a contemporaneidade é desenvolvimento linear da modernidade, também é ruptura, por capturar e adicionar formas de representação de todos os outros períodos culturais. Tudo isso reciclado no caldeirão homogeneizante da indústria cultural.

Alterações dramáticas na percepção do tempo e do espaço, resultante da velocidade das comunicações e da produção de bens culturais, levam a transformações profundas, à impermanência e inconstância do sujeito, estando claro que estamos desautorizados a pensar em termos de sujeito ou espírito de uma época, uma vez que na pós-modernidade o sujeito está atomizado e difuso num campo extenso e anódino chamado subjetividade.

Assim, dizem alguns, não se deve perguntar de um conceito tão abstrato e extenso o que ele é, mas, como funciona e para que serve. De um lado nos enrijecemos num sociologismo durkheimiano, por outro, nos perdemos em psicologismos especulativos e estéreis.



Constatamos a incapacidade do indivíduo de refletir e fixar uma identidade, resultando em perplexidade e sofrimento. Os valores que orientam as relações humanas e garantem a coesão social multiplicam-se, desaparecem e se renovam na mesma velocidade em que as mercadorias se substituem nas prateleiras dos shoppings centers.

Partindo do pressuposto que as realidades são construções sociais, não será válido indagar pelos mecanismos e interesses que orientam tais construções?

É notável como os investigadores contemporâneos parecem evitar uma questão polêmica, porém, crucial para a compreensão da formação da identidade: a divisão em classes da sociedade. A distribuição de bens sócio-culturais é correlativa à distribuição social da riqueza. Ninguém duvida pela obviedade do fenômeno que a educação, a segurança, a saúde, a cultura, a beleza e a verdade são distribuídas segundo a distribuição da riqueza. O que será que convence, justifica e mantém a imensa massa de despossuídos ordeira e pacificamente produzindo bens para outrem?

Parece que a primeira condição é que, ao lado da existência cotidiana, coexista uma realidade imaginária, na qual os indivíduos realizam, fantasmaticamente, suas necessidades e desejos e descarregam suas frustrações.

Essa realidade imaginária durante muito tempo foi representada e sustentada no Ocidente, pela ideologia cristã, que tinha a seu favor a qualidade de ser quase imóvel, durável e limites além da vida, favorecendo a formação de identidades duradouras e claramente delineadas, enfim, o que chamaríamos sujeito.

A pós-modernidade, com seu imaginário superpovoado de imagens que se sobre e justapõem incessantemente, não propicia a sedimentação de sujeitos, dando a impressão de formar um campo onde se movem partículas, sombras, que surgem do nada com a rapidez que nele desaparecem. A abundância compensa a impermanência.

O que se tem é a sensação de anomia, de ausência de regras (moral) que orientem a ação coletiva e de meios que coíbam a transgressão.

A arte contemporânea reflete de modo justo e preciso a condição pós-moderna: elementos estéticos reunidos sem necessidade de relações de causalidade, similaridade, estão associados apenas por contiguidade.

Nelas, ao procurar mensagens ocultas, o crítico, herdeiro do pensamento da Idade Média Cristã e da Renascença Clássica, não as encontra, o que as tornam inválidas como obra de arte.

Consideramos o papel da indústria cultural, através de seus agentes, na construção de eus tão frágeis e efêmeros quanto extensos e desenraizados, no interior de sociedades centradas na reprodução dos aparelhos ideológicos de Estado e na transformação de bens culturais em mercadorias de amplo consumo que, por sua vez, dialeticamente, estruturam cosmovisões.

Os espíritos sensíveis, ocupados num “cioso cultivo, assíduo e solitário, de uma interioridade que se apura e se opõe à vulgaridade da multidão”, dizia ECO (1970, p. 8), se lembrando de Heráclito, esses espíritos esperam talvez recolhidos em sua amarga impotência, que os socorra um estado de imensa anomia, que favoreça o surgimento de uma nova época em que, os que sobreviverem, viverão numa espécie de paraíso pós-apocalíptico. Por outro lado, há os que, local e utopicamente, ignorando os grandes planejamentos globais, vão pintando originalidades, resgatam dignidades e dão um sentido a existência, muito além do carnaval de imagens do mundo pós-moderno.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó (RS): Argos, 2009.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Graal, 1985.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói (RJ): Ed. Eduff, 2008.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Hemus Editora, 2004.

ASKIN, F. I. **O problema do tempo: sua interpretação filosófica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar 2005.

BAUDRILLARD Jean. **Simulacros e simulações**. Coimbra: Relógio D'Água, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre (RS): Zouk, 1984.

CELACC: Centro de Estudos Latino-Americanos em Comunicação e Cultura. Disponível em: < [www.usp.br/celacc/](http://www.usp.br/celacc/)>. Acesso em: 10 de março 2009.

CHOMSKY, Noam. **O Lucro ou as pessoas?: neoliberalismo e ordem global**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2002.

CORTEZ, Cacia. **Cultura, comunicação e movimentos sociais**. São Paulo: Celacc-ECA/USP, 2007.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o barroco**. Campinas (SP): Papiрус, 2005.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1984.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

\_\_\_\_\_. **Escola e universidade na pós-modernidade**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2000.

FURTADO, Odair; REY, Fernando L. **Por uma epistemologia da subjetividade**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento de cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético I**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético II**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem: teorias do pós-modernismo e outros ensaios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

JORNAL sem terra. Disponível: <[www.mst.org.br/](http://www.mst.org.br/)>. Acesso em 29 de ago. 2010.

LEI MARIA da Penha. Disponível: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004.../lei/11340.htm/](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004.../lei/11340.htm/)>. Acesso em 29 de ago. 2010.

- MAGALHÃES, Adriana Rocha. **Pós-modernidade, ruptura ou revisão**. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 1988.
- MATTELART, Armand. **A mundialização da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- MOLES, Abraham. **O kitsch: a arte da felicidade**. São Paulo: EDUSP, 1972.
- OLALQUIAGA, Celeste. **Megalópolis: sensibilidades culturais contemporâneas**, São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- PEIXOTO JR, Carlos Augusto. **Singularidade e subjetivação: ensaios sobre clínica e cultura**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2008.
- PINHEIRO, Amálio. **Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça**. Piracicaba (SP): UNIMEP, 1995.
- PLASTINO, Carlos Alberto. **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- RÁDIO FAVELA. Disponível em: <[www.radiofavelafm.com.br/](http://www.radiofavelafm.com.br/)>. Acesso em 29 de ago. 2010.
- ROLNIK, Sueli, e outros. **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas (SP): Papirus, 2006.
- SALOMÃO, Wally. **Hélio Oiticica: qual é o parangolé e outros escritos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.
- SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- TAL: Televisión América Latina. Disponível em: <[www.tal.tv/pt/](http://www.tal.tv/pt/)>. Acesso em: 29 ago. 2010.
- TARDE, Gabriel de. **As leis da imitação**. Porto: Ré, 1986.
- TRIVINHO, Eugênio. **O Mal-Estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- UNILA: Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Disponível em: <[www.unila.edu.br/](http://www.unila.edu.br/)>. Acesso em: 29 de ago. 2010.
- UNILAB: Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira. Disponível em: <[www.unilab.edu.br/](http://www.unilab.edu.br/)>. Acesso em: 29 de ago. 2010.

VEIGA, José Eli. **Desenvolvimento sustentável: O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ZEA, Leopoldo. **Discurso desde a marginalização e a barbárie: a filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.